
PERCURSOS PROFISSIONAIS E DE VIDA DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE ABERTA

PEDRO ABRANTES [COORD.]
BÁRBARA BÄCKSTRÖM
CLÁUDIA NEVES
MARC JACQUINET
OLGA MAGANO
SUSANA HENRIQUES



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Resultados do questionário aos percursos profissionais e de vida dos licenciados da UAb

Relatório Síntese

Versão de Trabalho

Janeiro de 2016

Ficha Técnica

Título: Resultados do questionário aos percursos laborais e de vida dos licenciados da UAb

Autores: Pedro Abrantes (coord.), Bárbara Bäckström, Cláudia Neves, Marc Jacquinet, Olga Magano, Susana Henriques

Projeto: *Ensino Virtual, Impactos Reais: Os percursos profissionais e de vida dos estudantes da Universidade Aberta* (interdepartamental)

Instituição: Universidade Aberta

Local: Lisboa

Data de finalização do relatório: Janeiro de 2016

Este Relatório tem licença Creative Commons *Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)



Índice

Introdução.....	4
1. Nota metodológica.....	6
2. Perfil sociodemográfico dos licenciados da Universidade Aberta	8
3. Percursos dos licenciados na Universidade Aberta	14
4. Balanço de competências e de relações desenvolvidas na licenciatura.....	21
5. Impactos da licenciatura nos percursos de vida e do trabalho.....	26
6. Projetos de futuro dos licenciados da Universidade Aberta.....	32

Introdução

Dada a escassez de conhecimentos sobre os perfis dos licenciados da Universidade Aberta, os seus percursos académicos e os efeitos da licenciatura nas suas trajetórias laborais e noutras dimensões das suas vidas, foi lançado em finais de 2014 o projeto *Ensino Virtual, Impactos Reais: Os percursos profissionais e de vida dos estudantes da Universidade Aberta*.

O presente relatório apresenta os procedimentos metodológicos e os primeiros resultados do questionário aos percursos profissionais e de vida dos licenciados da Universidade Aberta, desenvolvido no âmbito deste projeto. O nosso objetivo foi, portanto, recolher e disponibilizar um conjunto de dados que nos permitam compreender quem são os licenciados desta instituição, quais são os seus projetos de futuro, assim como qual o impacto que a licenciatura tem tido nas suas vidas, nomeadamente (mas não só) ao nível da carreira profissional.

Considerando um lapso temporal de três anos que permitisse refletir sobre as experiências, construir projetos e aferir impactos, decidimos trabalhar com os estudantes que concluíram qualquer das licenciaturas da Universidade Aberta, entre 2011 e 2013. Trata-se também da primeira vaga de estudantes que frequentou as licenciaturas já num novo figurino, adaptado ao Processo de Bolonha e integralmente em regime de *e-learning*.

Nesta primeira edição, criou-se um questionário de raiz que poderá vir a ser aperfeiçoado em futuras edições do projeto e que permite criar uma *baseline* para análises diacrónicas e evolutivas. É certo que nos baseámos em estudos anteriores sobre o tema, realizados noutras instituições do ensino superior, até para permitir posteriores análises comparativas, mas importa ressaltar que tanto o perfil dos estudantes da Universidade como o próprio processo de aprendizagem em regime de *e-learning* têm especificidades que procurámos explorar neste projeto. Visto que a abordagem clássica nesta área, centrada na transição do ensino superior para o emprego, se revela desajustada a um perfil de estudantes maioritariamente já integrados no mercado laboral, foi necessário desenvolver abordagens mais inovadoras.

Além disso, permitindo dar resposta às solicitações relativas à empregabilidade dos cursos, este estudo procurou ir mais longe, incorporando os perfis, as experiências e os projetos dos licenciados, assim como os impactos das licenciaturas não apenas na esfera laboral, mas em várias dimensões centrais da vida das pessoas, nas sociedades atuais.

O relatório está assim estruturado em seis secções, refletindo, aliás, a estrutura do questionário (ver anexo). Na primeira secção, explicitam-se os procedimentos metodológicos. Na segunda, identificam-se algumas características gerais do perfil sociodemográfico dos licenciados da Universidade Aberta. Na terceira, apresentam-se os dados relativos à experiência na instituição. Na quarta, divulgam-se os traços gerais do balanço de competências e relações adquiridas através da licenciatura. Na quinta, avança-se com uma primeira análise dos impactos da licenciatura nos percursos profissionais e de vida. E, por fim, na sexta, exploram-se os projetos para o futuro dos diplomados da Universidade Aberta. Nas derradeiras páginas, apresentamos uma síntese dos principais resultados e algumas notas para o futuro.

Tratando-se do primeiro relatório de um projeto mais amplo e, não existindo estudos anteriores sobre o tema na instituição, com semelhante amplitude e natureza, este documento reveste-se de um carácter necessariamente exploratório e descritivo. Decidimos não avançar já para análises mais complexas, de forma a não atrasar a disponibilização à comunidade académica de um conjunto inicial de dados que permita o conhecimento do projeto e a reflexão coletiva.

Durante o ano de 2016, além de apresentar e discutir com os colegas estes resultados, procuraremos aprofundar a análise dos dados, a partir de um cruzamento com a literatura especializada, aplicação de modelos estatísticos mais elaborados e comparação com estudos semelhantes noutras instituições. Tal como previsto no projeto, complementaremos também estes dados com uma abordagem qualitativa, o que certamente trará um olhar mais alargado e consistente sobre o tema.

Cabe-nos agradecer à Reitoria da Universidade Aberta o acolhimento, interesse e enquadramento do estudo. Agradecemos igualmente às várias estruturas da universidade que apoiaram, em diferentes âmbitos, a construção e aplicação do questionário. Agradecemos à Doutora Isabel Marcos, nossa colega dos serviços de documentação e autora de uma dissertação de doutoramento sobre os licenciados de Ciências da Informação e da Documentação nesta instituição, a disponibilização dos seus materiais e reflexões. Agradecemos ainda à Professora Mariana Gaio Alves, da Universidade Nova de Lisboa, a disponibilidade para ser consultora externa do projeto. Por fim, uma palavra de agradecimento a todos os licenciados que responderam ao questionário, em muitos casos interpelando-nos inclusive por e-mail para esclarecer dúvidas e responder da forma mais adequada às perguntas colocadas.

Esperamos que os resultados deste estudo possam contribuir para um maior conhecimento da instituição por parte da comunidade envolvente, assim como para apoiar o trabalho dos seus profissionais e dirigentes, em particular, na adequação e melhoria constantes dos seus serviços e ofertas formativas.

1. Nota metodológica

O presente questionário foi construído ao longo do primeiro semestre de 2015 pela equipa do projeto, com o apoio da consultora externa. Procurámos incluir algumas questões utilizadas noutras universidades, até para permitir análises comparativas, mas considerámos importante incluir outras questões adequadas ao perfil dos estudantes, bem como ao modelo pedagógico da Universidade Aberta. As questões foram agrupadas em 5 grandes blocos, refletindo dimensões que nós pretendíamos analisar:

- A) o perfil dos licenciados, incluindo origens sociais, área de residência e percurso educativo e profissional anteriores à realização do curso;
- B) o percurso na Universidade Aberta, incluindo os curso e minor frequentado, os motivos e modalidades de ingresso, a duração da sua realização, a situação profissional ao longo do curso e as condições de estudo;
- C) o balanço de competências e relações, incluindo as representações dos inquiridos acerca das competências desenvolvidas e as relações construídas na licenciatura;
- D) o impacto percebido da licenciatura, não apenas nas condições e trajetórias laborais, mas também na vida familiar, cultural e cívica;
- E) os projetos de futuro, incluindo necessidades e interesses de formação superior e ao longo da vida.

Houve uma primeira versão do questionário que foi discutida e alterada, uma segunda versão que foi experimentada com dois licenciados do curso (pré-teste) e sofreu ainda algumas pequenas correções, até à elaboração da versão final que incluímos em anexo. No sentido de abranger estas várias dimensões, o questionário ficou relativamente extenso, tendo o pré-teste indicado que o tempo de duração de preenchimento estaria entre os 20 e os 40 minutos. Este tema foi amplamente discutido dentro do grupo, até pelo potencial desmotivante de um questionário extenso e que poderia conduzir a um número mais baixo de questionários preenchidos, mas considerou-se importante abranger estas várias dimensões, até por se tratar de uma primeira edição do questionário, sendo que em futuras edições o questionário pode ser otimizado, por exemplo, retirando questões cujos resultados não se revelem tão relevantes.

Com o apoio dos serviços técnicos da instituição, o questionário foi colocado online, através da plataforma LIME Survey, sendo o pré-teste já realizada nesta modalidade, o que permitiu introduzir algumas melhorias na edição do próprio questionário. Além das vantagens para o acesso a uma população que se encontra espalhada por diversas regiões do país e, inclusive, no estrangeiro, o questionário online permitiu também a introdução de uma série de perguntas que se tornam visíveis (ou não), em função de respostas anteriores, o que agiliza o preenchimento do questionário. Porém, considerou-se também os riscos dos questionários online, nomeadamente no difícil controlo sobre as distintas interpretações que se podem dar às perguntas e o menor compromisso de resposta por parte do universo inquirido. Além de uma construção em hiper-texto, incluindo explicações detalhadas a possíveis dúvidas de interpretação, a aplicação baseou-se num acompanhamento telefónico e por e-mail que permitiu reforçar a comunicação com os licenciados da universidade, contribuindo para aumentar a amostra e para colmatar algumas dúvidas.

Paralelamente, decidimos que o universo a inquirir seria o total dos indivíduos que concluíram a sua licenciatura em 2011, 2012 ou 2013, em regime de e-learning e após a sua remodelação segundo os critérios do acordo de Bolonha. A escolha deste universo foi definido, por um lado, por já ter, pelo menos 3 anos de licenciado, um período considerado adequado para aferir impactos da licenciatura e, por outro lado, por constituir a primeira vaga de estudantes que frequentaram as licenciaturas neste novo figurino pedagógico.

Foi recolhida uma listagem de todas as pessoas que correspondiam a este perfil, junto dos serviços da Universidade Aberta. No início de Julho de 2015 toda a população foi convidada por e-mail a responder ao questionário, sendo garantida a confidencialidade dos dados, assim como o apoio telefónico (por parte do secretariado do DCSG) e por *e-mail* (por parte do coordenador do projeto) em casos de dúvida. Mensagens eletrónicas de reforço desta solicitação foram enviadas no início de Agosto e em meados de Setembro. Um obstáculo que não contávamos é que o envio massivo de solicitações de resposta conduziu, em vários casos, a que as mensagens fossem classificadas como SPAM e, portanto, não recebidas por alguns licenciados. Outro problema é que alguns dos endereços eletrónicos fornecidos pelos estudantes durante a realização da licenciatura foram, nos anos subsequentes, desativados pelos próprios.

Na segunda quinzena de Setembro, o número ainda insuficiente de respostas obtidas fez-nos adotar duas estratégias: por um lado, prolongar o período de aplicação para o período de Outubro; por outro lado, estabelecer um contacto telefónico direto com os licenciados dos cursos em que a taxa de resposta era mais baixa. Idealmente, este contacto telefónico deveria estabelecer-se com todos os licenciados, mas a disponibilidade limitada do secretariado do DCSG para esta atividade levou-nos a selecionar algumas licenciaturas que estavam ainda pouco representadas. No final de Outubro, considerando termos já alcançado uma amostra robusta e estratificada, a necessidade de iniciarmos o período de análise de dados e divulgação dos resultados fez-nos dar por terminada a recolha dos dados. O número total de questionários validados e a sua distribuição pelas diversas licenciaturas são apresentados na tabela 1, comparando-os com o total de licenciados em cada curso.

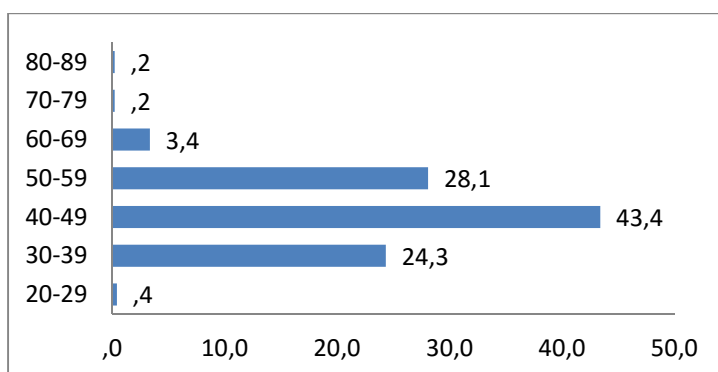
Tabela 1.1. Número total de licenciados e de respostas válidas ao questionário, segundo a licenciatura

Licenciaturas da UAb	Licenciados	Respostas	% do curso
Ciências da Informação e da Documentação	218	70	32,1
Ciências do Ambiente	30	12	40,0
Ciências Sociais	589	181	30,7
Educação	272	77	28,3
Estudos Artísticos	38	12	31,6
Estudos Europeus	70	18	25,7
Estudos Portugueses e Lusófonos	18	8	44,4
Gestão	242	66	27,3
História	69	22	31,9
Informática	20	10	50,0
Línguas Aplicadas	29	12	41,4
Línguas, Literaturas e Culturas	89	27	30,3
Matemática e Aplicações	7	3	42,9
Totais	1691	518	30,6

2. Perfil sociodemográfico dos licenciados da Universidade Aberta

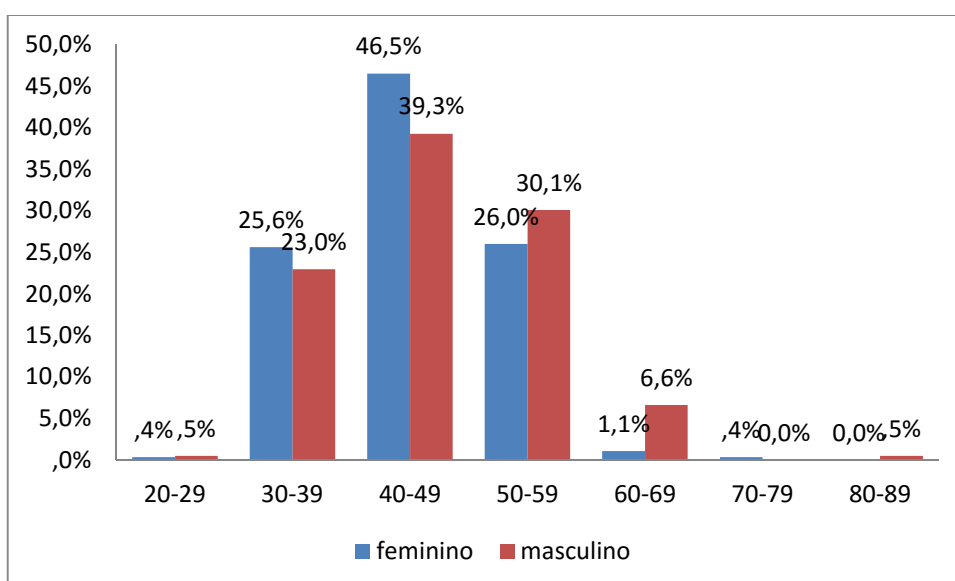
Começando por traçar um breve perfil dos licenciados da Universidade Aberta, podemos constatar que em termos etários são essencialmente indivíduos de faixas etárias mais elevadas do que no ensino superior em geral, tendo a maioria nascido nas décadas de 1960 e 1970, ou seja, que atualmente têm idades compreendidas entre os 36 e os 55 anos, concentrando-se no grupo etário 40-49 anos (ver gráfico 2.1).

Gráfico 2.1 Idade



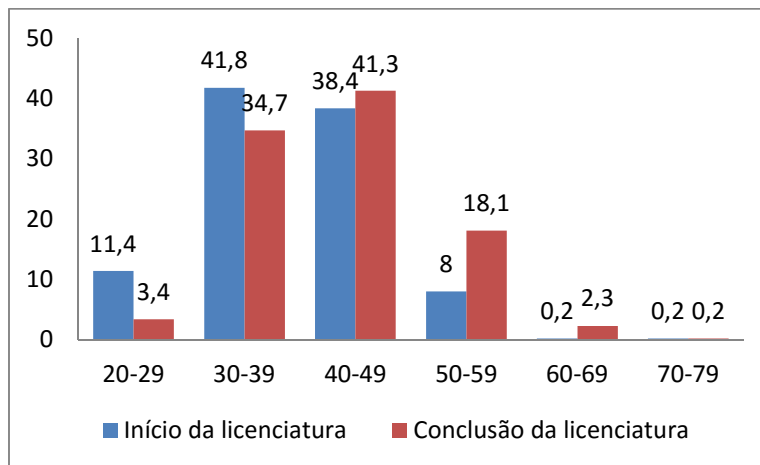
Se olharmos por género verifica-se que a proporção de mulheres é superior até aos 49 anos e existe um número superior de homens com 50-59 e 60-69 anos. Ainda que a explicação mereça uma investigação mais aprofundada, a própria mudança social terá aqui alguma influência, considerando que os estudantes mais velhos pertencem a uma geração na qual os homens revelavam ainda alguma primazia ao nível dos estudos superiores sobre as mulheres, processo que tem vindo a ser invertido nas gerações mais jovens.

Gráfico 2.2 Género por Idades



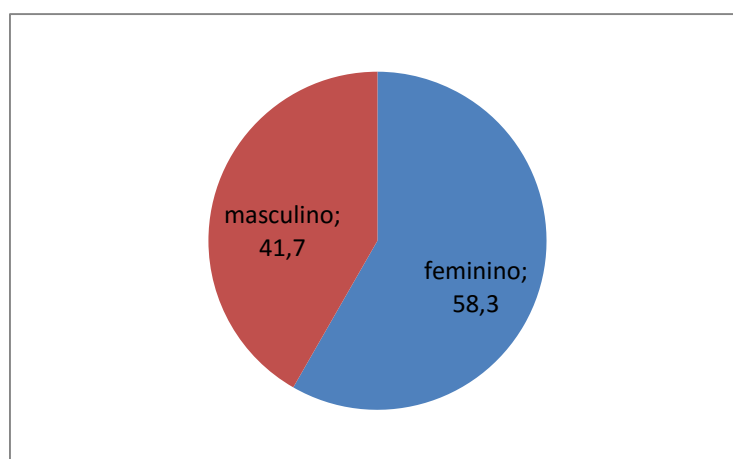
Podemos também concluir que os graduados iniciaram e terminaram a licenciatura entre os 30 e os 49 anos. No final do curso aumentam os indivíduos da faixa etária dos 50-59 anos o que se explica facilmente pelo tempo decorrido entre o ano de início e o ano de conclusão do curso.

Gráfico 2.3 Idades dos licenciados da UAb no início e no final da licenciatura



As mulheres representam mais de metade da amostra (58,3%), numa proporção que se assemelha muito ao que é verificado nos últimos anos ao nível do ensino superior em geral. De acordo com a Pordata, em 2015, havia 104.255 alunos matriculados pela 1.ª vez no ensino superior, dos quais 45.900 eram do sexo masculino e 58.355 do sexo feminino. Esta tendência apenas é invertida em algumas áreas de formação (de acordo com a Pordata, em 2015, 47,8% dos alunos dos cursos de Ciências, Matemática e informática e 26,2% dos alunos de Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção eram mulheres). Olhando para a distribuição de género por licenciaturas na Universidade Aberta, nos cursos com mais estudantes é em Gestão e História onde encontramos mais estudantes do sexo masculino.

Gráfico 2.4 Género dos Licenciados da UAb

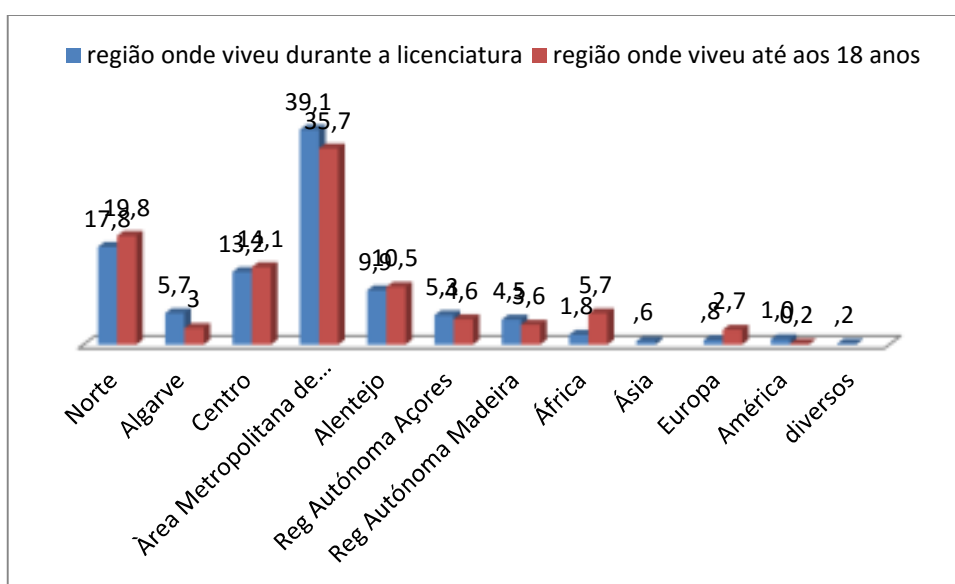


Em termos de zona de residência (NUT II), os graduados da Universidade Aberta viveram a maior parte da infância e adolescência na Área Metropolitana de Lisboa ou na Região Norte. Na análise

por concelhos, a maioria vivia nos concelhos de Lisboa, Porto, Almada, Cascais, Funchal (Madeira) e Setúbal.

No período em que realizaram a licenciatura, os estudantes concentraram-se em cinco concelhos por ordem de importância: Lisboa, Sintra, Cascais, Funchal e Oeiras. A mesma tendência se verifica para as regiões (NUTS II) onde viveram. Os estudantes residiam maioritariamente nas regiões da AML (39,1%) e Norte (17,8%), o que não difere da região onde viveram até aos 18 anos. Esta tendência é bastante compreensível dado ser nessas duas regiões que se concentra também a maior parte da população residente em Portugal. Em Portugal, de acordo com o censo 2011 residiam 10 561 614 habitantes em território nacional, concentrando-se em primeiro lugar na região Norte (3 689 609 habitantes, 35 %) e em segundo na região da AML (2 821 699 habitantes, 28 %).

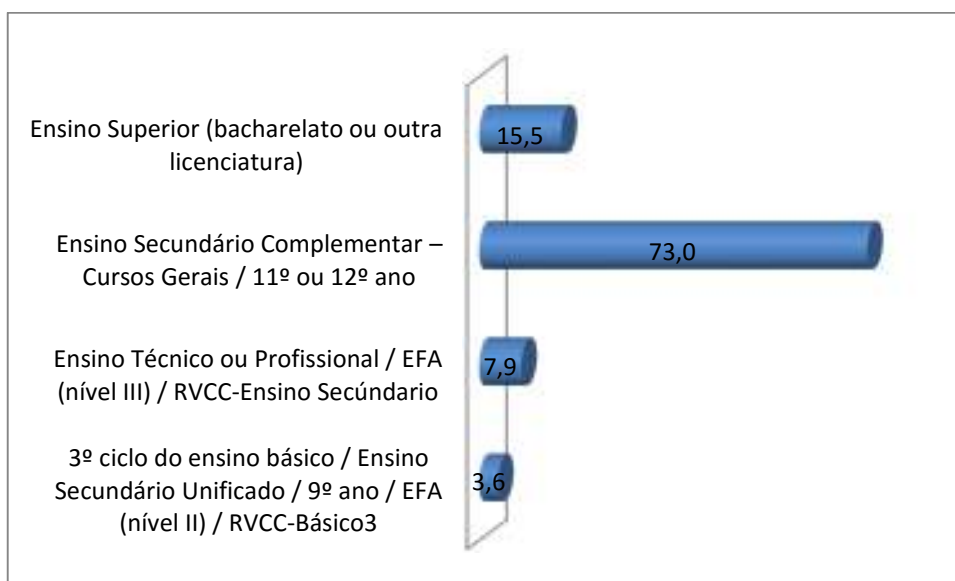
Gráfico 2.5 Região de residência até aos 18 anos e durante a licenciatura



O número de licenciados a residir no estrangeiro no período em que realizou a licenciatura é ainda pouco expressivo (menos de 10%), nesta coorte, mas será importante de realçar, sobretudo, o contingente de estudantes que residia no continente africano (5,7%). Dada a proporção menor que referiu outro país no local de residência durante a infância, podemos supor que se tratam, na maioria dos casos, de cidadãos portugueses que se encontram a residir noutros países, mas que pretendem continuar vinculados ao sistema educativo e à sociedade portuguesa.

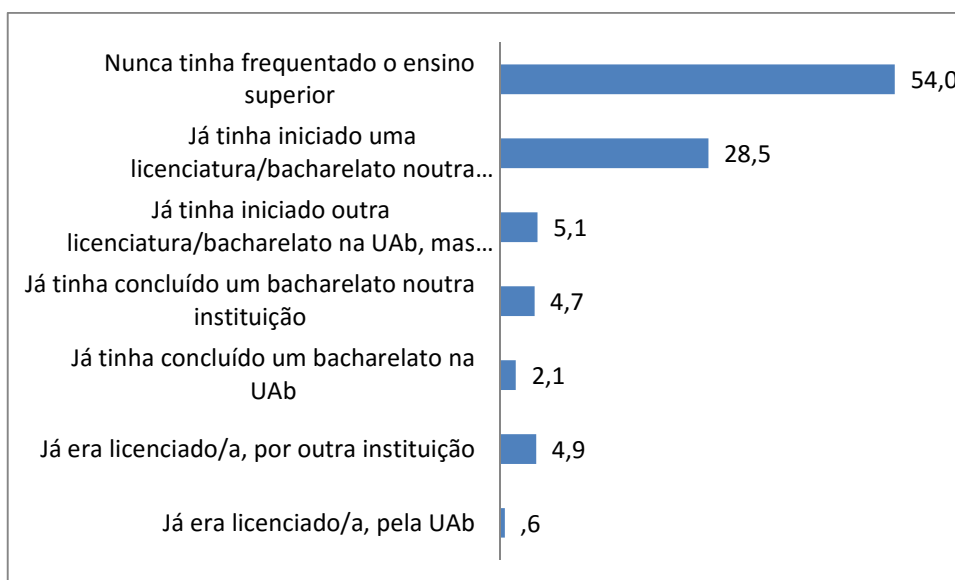
A maioria dos licenciados, quando ingressou na Universidade Aberta, detinha o ensino secundário completo (73% do total de respostas). Curioso é verificar que, em segundo lugar, mas com apenas 15,5 % de respostas, destacam-se os estudantes que detinham um nível de escolaridade correspondente ao ensino superior (bacharelato ou outra licenciatura). Muitos destes serão aqueles que dizem ter ingressado através da transferência de outra instituição e terminar a licenciatura em 3 anos ou menos, como veremos mais adiante no capítulo 3. Um número reduzido, mas ainda assim significativo (quase 10%), obteve a certificação de ensino secundário através do programa de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC).

Gráfico 2.6 Nível de escolaridade quando ingressou na Universidade Aberta



46,0% dos indivíduos responderam já ter tido alguma experiência anterior no ensino superior e 54% nunca tinha frequentado o ensino superior antes de realizar a licenciatura na Universidade Aberta. Dos que já tinham experiência no ensino superior, 28,5 % já tinha iniciado uma licenciatura/bacharelato noutra instituição, mas sem ter concluído e apenas 5,6% já era licenciado/a por outra instituição (4,9%) ou pela Universidade Aberta (0,6%), sendo esta a segunda licenciatura.

Gráfico 2.7 Experiência anterior no Ensino Superior

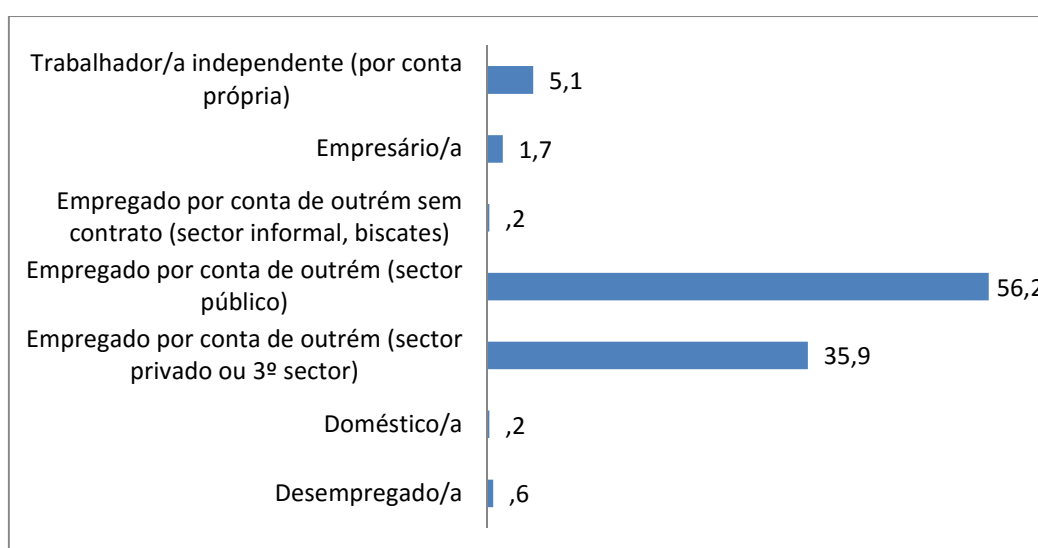


Outro aspeto muito importante no perfil dos graduados da Universidade Aberta é a atividade profissional que os estudantes desenvolviam antes do ingresso. Sendo uma variável de resposta aberta no inquérito, foram demasiadas as atividades e categorias profissionais descritas. Analisando os grupos de atividade profissional ou categoria profissional, a maior parte respondeu que antes de ingressar na licenciatura desempenhava funções de assistente técnico

(15,9%), administrativo (8,1%), no ensino/ formação (6,1%), nas forças policiais (4,7 %) e em atividades como secretariado (4,7%) e bibliotecas (4,2%). Pela leitura dos dados podemos constatar que a atividade profissional desempenhada pelos diplomados está, de algum modo, relacionada com a escolha da licenciatura, normalmente, há uma procura de enriquecimento de formação na área de atividade desempenhada. Só a título de exemplo, 18 respondentes eram bibliotecários quando escolheram a licenciatura em Ciências da Informação e da Documentação, ou seja, houve uma intenção deliberada de aumentar os conhecimentos e competências na área de trabalho. A reflexão sobre a questão merecerá uma análise mais aprofundada em futuras publicações do projeto.

Quanto à situação na profissão, no período em que iniciaram os estudos na Universidade Aberta, é clara a predominância da situação na profissão de empregado por conta de outrem (92%), sobretudo na administração pública (56%).

Gráfico 2.8 Situação na profissão



Olhando para a escolaridade dos progenitores, no seu conjunto, mais de metade (53% dos pais e 61,3% das mães) dos licenciados da Universidade Aberta tem progenitores com escolaridade até ao nível do 1º ciclo do ensino básico. Há mais mães com o 2º ciclo do ensino básico do que pais (15,2% das mães e 13,5% dos pais), mas há mais pais com o ensino secundário (22,6% dos pais e 16,1% das mães).

No que toca à escolaridade dos irmãos, apesar da percentagem cumulativa superior a 50% ir até ao ensino secundário (11º ou 12º anos), a escolaridade concentra-se no ensino superior (42,6%) e secundário (31%). O mesmo acontece no que diz respeito ao cônjuge: a escolaridade concentra-se no ensino superior e ensino secundário, apesar de a percentagem cumulativa de 52% ir até ao ensino secundário. Relativamente aos filhos dos diplomados da UAb, estes estão espalhados por todos os níveis de escolaridade, o que é normal tendo os indivíduos filhos de diferentes idades. No entanto, onde se observam mais casos é no ensino superior (36,9 %).

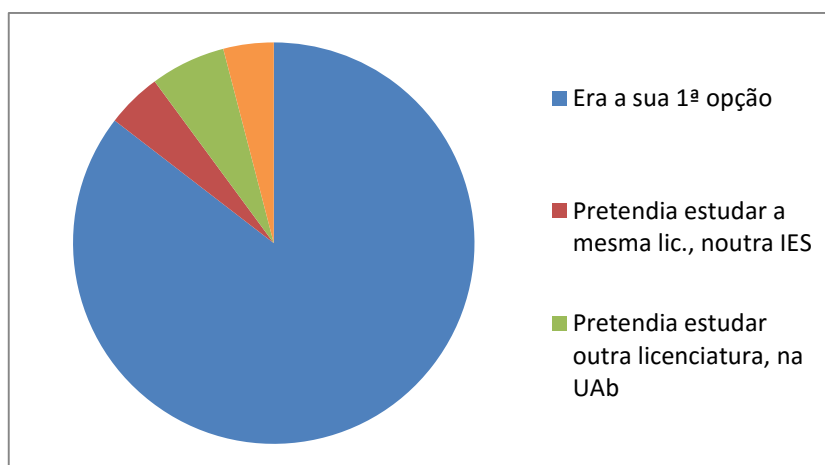
Em termos de ocupação profissional dos pais, nota-se que esta está distribuída em todas as categorias. Pode-se concluir que é bastante heterogénea. Encontram-se em maior número os operários industriais, empregados dos serviços e profissional qualificado ou técnico superior. No caso das mães predomina a ocupação "trabalhador rural, servente das obras ou empregada

doméstica". Relativamente ao cônjuge há uma clara predominância de profissionais qualificados ou técnicos superiores.

3. Percursos dos licenciados na Universidade Aberta

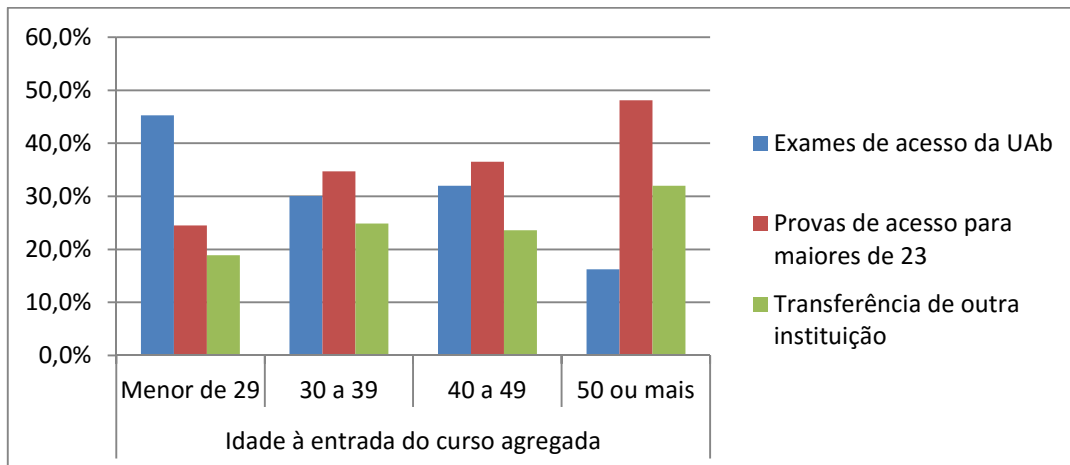
Na análise do percurso dos diplomados da Universidade Aberta é útil, primeiro que tudo, atender às opções, modalidades e motivos de ingresso na licenciatura. Para mais de 80% dos diplomados, o ingresso na Universidade Aberta constituiu a primeira opção de licenciatura, sendo pequena a percentagem daqueles que pretendiam cursar outra licenciatura ou noutra universidade (gráfico 3.1). Este resultado permite relativizar a ideia de que se trataria de uma universidade de segunda opção, distinguindo-se pelo contrário pelo perfil dos seus estudantes (ver capítulo anterior).

Gráfico 3.1 Opção inicial da licenciatura dos diplomados da Universidade Aberta



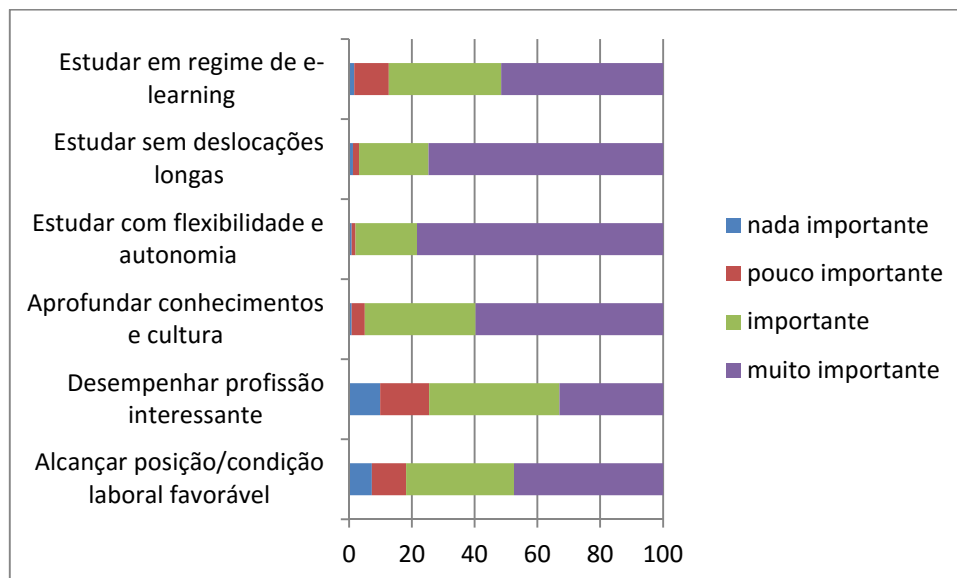
Quanto à modalidade de ingresso, os diplomados da Universidade Aberta revelam uma distribuição equilibrada entre as três vias previstas: a realização dos exames específicos da universidade, a realização da prova geral para maiores de 23 anos e a transferência de outra instituição do ensino superior. Contudo, se observamos estas opções à luz da idade em que ingressaram na licenciatura, observa-se um padrão claro: enquanto a prova geral para maiores de 23 é a modalidade mais comum entre aqueles que acedem numa idade mais avançada (assim como na licenciatura de Ciências da Informação e Documentação), a realização dos exames específicos da Universidade Aberta é a mais frequente entre os diplomados mais jovens (gráfico 3.2). A transferência de outra instituição é transversal aos diferentes grupos etários, mas alcança valores superiores a 30% em certas licenciaturas, como, por exemplo, Gestão, Estudos Europeus ou Matemática e Aplicações, enquanto noutras é inferior a 10%.

Gráfico 3.2. Modalidade de ingresso na Universidade Aberta, segundo a idade de ingresso



Relativamente aos motivos de ingresso na Universidade Aberta (ver gráfico 3.3), destaca-se a importância atribuída pela generalidade dos diplomados à possibilidade de estudar com flexibilidade, autonomia e sem realizar deslocações. Por seu lado, motivos como a busca por uma posição/condição laboral favorável e uma profissão interessante, sendo valorizados por uma proporção expressiva, estão longe de explicar o ingresso de todos os diplomados, o que nos remete para a concretização de expectativas e de satisfação pessoal em termos de competências científicas, sociais e culturais.

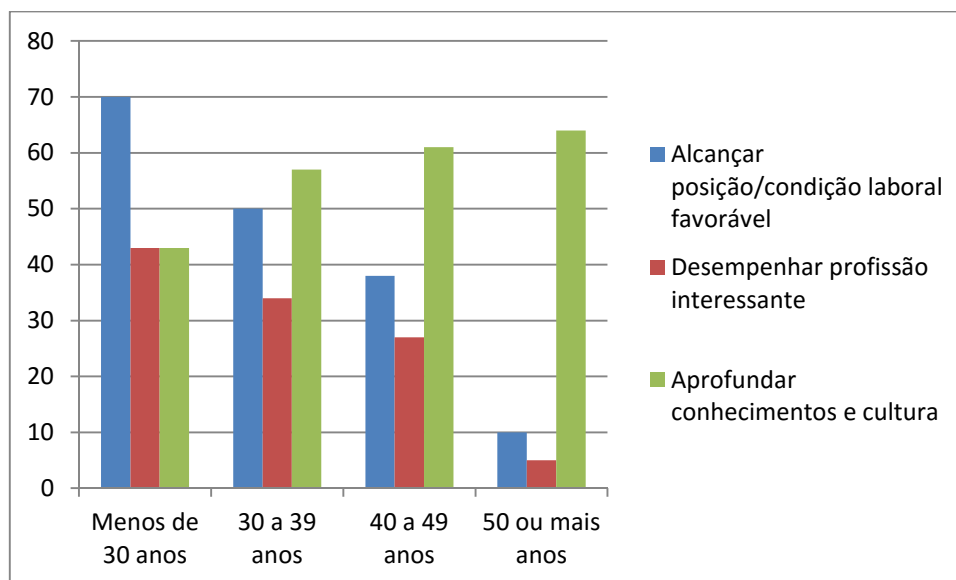
Gráfico 2.3. Importância atribuída a diferentes motivos para o ingresso na Universidade Aberta



É interessante observar que a procura por uma posição/condição laboral favorável é um fator que assume diferentes valorizações de acordo com a idade e com o tipo de curso escolhido. A procura de uma melhor condição no trabalho é muito valorizada por aqueles que entram na licenciatura numa idade mais jovem, mas decresce de forma significativa nas gerações mais velhas. É também bastante valorizado pelos licenciados de Ciências da Informação e da Documentação e, curiosamente, mais pelas mulheres do que pelos homens, havendo aqui uma diferenciação de género que iremos desenvolver em análises mais refinadas em fase posterior.

Entre os diplomados que ingressaram na licenciatura numa idade mais adiantada, sobretudo no curso de ciências sociais, este fator é pouco significativo, mas, ao invés, torna-se particularmente importante o objetivo de aprofundar conhecimentos e cultura (ver gráfico 2.4), sendo notória a diferenciação de objetivos para a frequência das licenciaturas de acordo com a idade dos diplomados.

Gráfico 2.4 Alguns fatores que os diplomados consideraram “muito importantes” para o ingresso na Universidade Aberta, segundo a idade de ingresso



Quando analisamos a situação laboral durante a licenciatura, torna-se evidente que a grande maioria dos diplomados da Universidade Aberta trabalhava a tempo inteiro, enquanto realizou os seus estudos de licenciatura (ver gráfico 3.5). A situação de trabalho a tempo parcial, ainda que com pouca expressão em Portugal, é a segunda condição mais comum. Menos de 5% dos estudantes não estava a trabalhar quando realizou a maior parte da licenciatura, sendo que entre estes, alguns estavam à procura de trabalho ou a cuidar de familiares dependentes. Este quadro explica bem as dificuldades da grande maioria dos estudantes da Universidade Aberta para conciliar os estudos com a sua vida profissional.

Esta especificidade dos estudantes da Universidade Aberta é reforçada pelos comentários deixados por muitos licenciados na pergunta aberta de balanço da experiência na Universidade Aberta, em que foram frequentes afirmações como a seguinte: “A minha licenciatura só foi possível através do ensino à distância”. Confirma-se de certo modo a ideia de que sem a Universidade Aberta, muitos alunos, com condições profissionais, pessoais ou geográficas particulares, não teriam realizado um curso superior. O adjectivo mais recorrente nas respostas abertas sobre a experiência de estudar na UAb é “gratificante”.

Acresce que apenas cerca de 60% dos estudantes dispôs do estatuto de trabalhador-estudante, o que lhes permite alguns benefícios, como o facto de estar autorizado a faltar alguns dias por ano para a preparação e realização de provas. Enquanto nas licenciaturas de Ciências da Informação e Documentação e Ciências do Ambiente, a generalidade dos diplomados adotou este estatuto, nas restantes licenciaturas apenas cerca de metade o acionou. O questionário não inclui perguntas que permitam explicar o hiato entre a percentagem daqueles que trabalharam efetivamente e aqueles a quem foi reconhecido o estatuto, mas um dos motivos será, certamente, a precariedade das relações laborais. Além de não trazer vantagens aos trabalhadores independentes, mesmo no caso dos contratados, sobretudo a tempo certo, o

receio de solicitar um estatuto que, não podendo ser negado pela entidade patronal, pode ser mal aceites pelos superiores hierárquicos e gerar mecanismos de discriminação ou até exclusão, constituirá um fator dissuasor para alguns estudantes.

Gráfico 3.5 Situação laboral dos diplomados da Universidade Aberta enquanto realizaram a maior parte da licenciatura



Relativamente ao local de estudo, há uma clara hegemonia da casa como principal espaço de aprendizagem, o que implica a mobilização de recursos pessoais ou familiares (gráfico 3.6). As percentagens residuais de outros espaços revelam como a realização da licenciatura é quase sempre assumida como um projeto pessoal (ou familiar), o que o torna mais vulnerável, sendo raramente realizado no quadro de organizações laborais, culturais ou comunitárias, uma prática mais comum noutros países europeus. A modernização das organizações produtivas e de estruturas comunitárias e culturais, como as bibliotecas municipais, gera aqui um espaço de oportunidades, para o qual será necessária a ação estratégica e articulada dos diferentes agentes envolvidos.

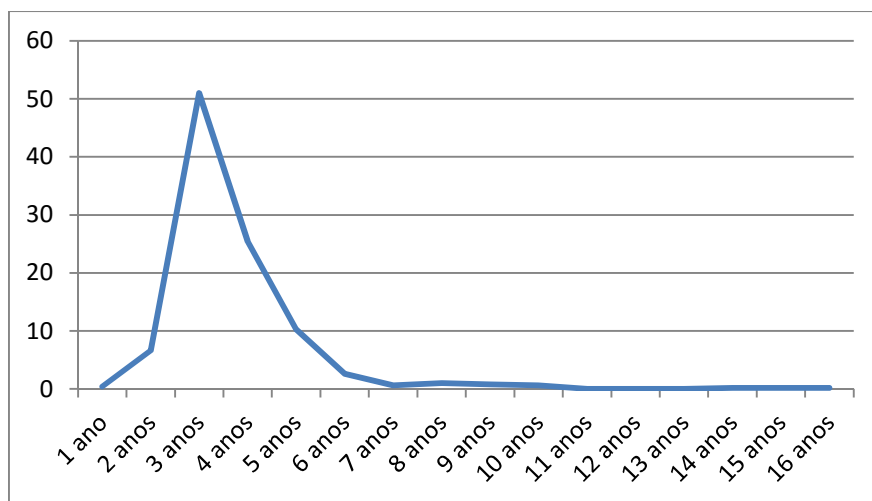
Gráfico 3.6 Principal local de estudo, durante a licenciatura



Relativamente à duração do curso, observa-se uma grande diversidade de situações (ver gráfico 3.7). Cerca de metade dos diplomados concluiu a licenciatura nos três anos previstos, desde o

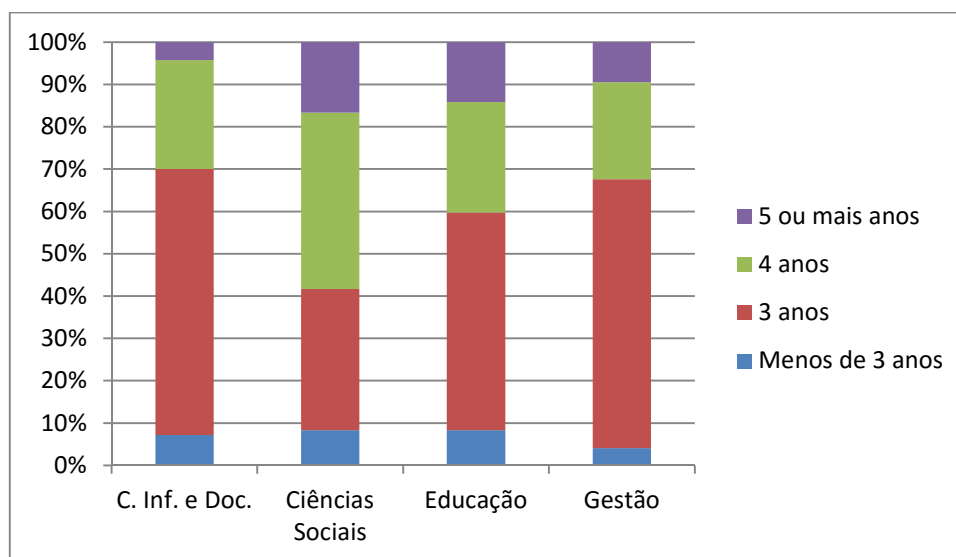
ajustamento dos cursos no quadro do Processo de Bolonha. Embora seja um caso minoritário, não será de negligenciar o facto de cerca de 7% dos diplomados concluir o curso em menos de 3 anos, o que se afigura possível nos casos em que pediram transferência de outra licenciatura ou solicitaram creditação de várias unidades curriculares por terem já frequentado unidades semelhantes noutras formações de nível superior. No caso inverso, 17% dos diplomados tardou 5 ou mais anos a concluir a licenciatura, sendo que os casos de duração superior a 6 anos são residuais.

Gráfico 3.7 Percentagem de diplomados, segundo o número de anos que demoraram a concluir a licenciatura



Ainda assim, observam-se variações significativas entre cursos. Comparando apenas as quatro licenciaturas com maior número de diplomados, é possível concluir, por exemplo, que a conclusão do curso no número de anos oficialmente previsto é bastante comum em Gestão e em Ciências da Informação e da Documentação, mas não tanto em Ciências Sociais.

Gráfico 3.8 Número de anos que os diplomados demoraram a concluir a licenciatura, segundo a licenciatura

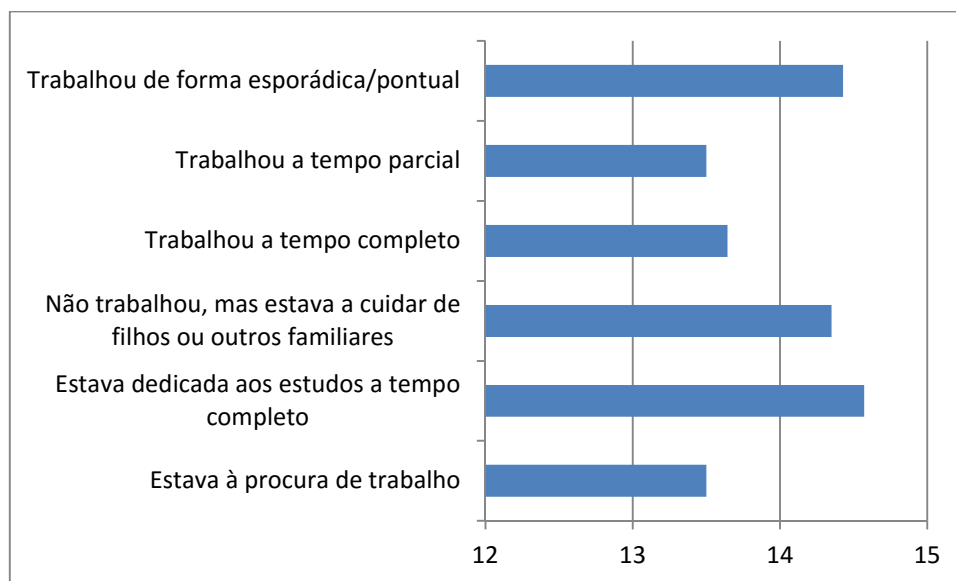


Não será, pois, de estranhar que 80% dos diplomados afirma ter concluído a licenciatura no tempo esperado, incluindo aqueles que concluíram em 3 anos ou menos, bem como outros que, devido à sobrecarga laboral, previram desde o início uma duração mais longa para a realização da licenciatura. Contudo, há variações grandes entre licenciaturas, sendo que uma grande parte dos estudantes de Informática, Línguas, Estudos Europeus e História afirma não ter concluído a licenciatura no tempo esperado.

Para explicar o facto de terem concluído a licenciatura no tempo previsto, a maioria dos diplomados apontou a flexibilidade do ensino a distância, os conteúdos das licenciaturas e, sobretudo, a força de vontade individual. O apoio dos professores, colegas ou da entidade patronal é referido por um número reduzido de casos. Por seu lado, entre aqueles que não concluíram a licenciatura no tempo previsto, as exigências da vida profissional e cívica foi o motivo mais apontado, sendo que os docentes, os procedimentos administrativos ou o desinteresse do curso foram apontados apenas por um número residual de diplomados.

A classificação média de conclusão da licenciatura na Universidade Aberta é 13,7, sendo que mais de 50% dos estudantes termina com uma classificação de 13 ou de 14 valores. Apenas 10% dos estudantes conclui a licenciatura com uma classificação igual ou superior a 16 valores. É interessante que a classificação de final de licenciatura não varia, de forma significativa, em função da modalidade de ingresso, do sexo ou do estatuto de trabalhador-estudante. Contudo, as classificações finais de licenciatura são ligeiramente superiores entre os estudantes que ingressaram na Universidade Aberta com mais de 50 anos e entre aqueles que não se encontravam a trabalhar quando realizaram o curso ou que trabalharam apenas de forma esporádica (ver gráfico 3.9). Embora devamos ser prudentes nesta análise, dado serem francamente minoritários os casos de estudantes que não se encontravam a trabalhar durante a licenciatura (ver em cima), estes resultados sugerem, efetivamente, que as exigências laborais terão sido um obstáculo importante para que muitos estudantes não tivessem realizado mais aprendizagens durante o curso.

Gráfico 3.9 Média da classificação final de licenciatura, segundo a situação perante o trabalho durante o período em que realizou a licenciatura



Por fim, será importante destacar que mais de 90% dos diplomados considera que as aprendizagens realizadas no curso corresponderam às expectativas havendo a este nível uma grande satisfação por parte dos respondentes.

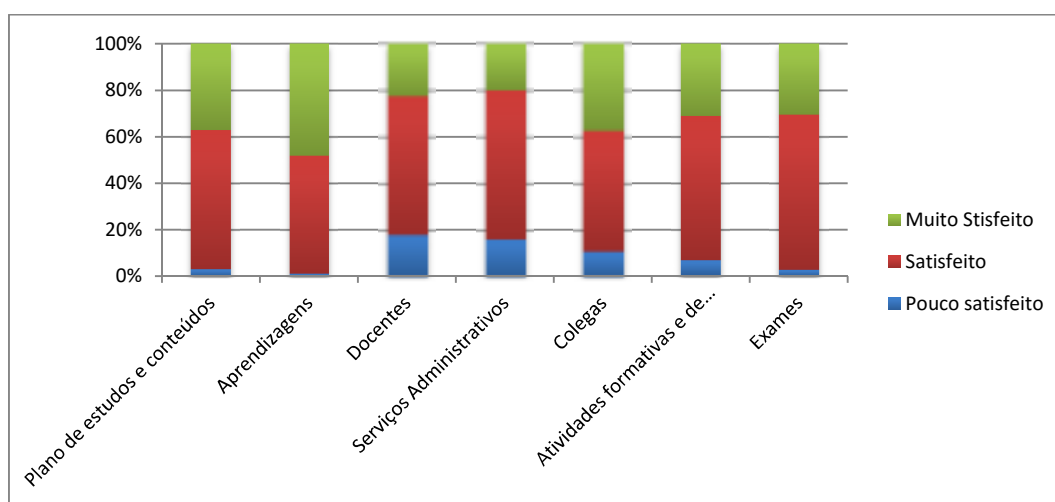
4. Balanço de competências e de relações desenvolvidas na licenciatura

No que respeita ao balanço das competências e relações, pretendeu-se avaliar o perfil de satisfação dos estudantes dos cursos da Universidade Aberta, reconhecendo a satisfação como indicador de qualidade do processo educativo/formativo. Nesta parte do questionário tivemos como objetivos:

- Identificar o grau de satisfação dos estudantes com a frequência dos cursos;
- Identificar a percepção que os diplomados têm sobre o ensino online;
- Identificar os principais objetivos adquiridos ao longo dos cursos;
- Identificar se os diplomados consideram que a frequência dos cursos serviu como preparação para a vida profissional e em que medida;
- Identificar os contributos dos cursos para o desenvolvimento pessoal, profissional e social dos diplomados;
- Identificar percepções sobre a imagem pública da UAb;
- Identificar principais características associadas aos estudantes da UAb.

Começámos por inquirir os diplomados sobre o seu grau de satisfação relativamente à frequência do curso na UAb. Mais de metade mostraram-se satisfeitos com as várias dimensões sobre as quais foram inquiridos. Destacamos que as maiores percentagens de respostas de inquiridos a manifestarem-se satisfeitos e muito satisfeitos incidem sobre os planos de estudos e conteúdos, as aprendizagens e os exames. Relativamente ao nível “muito satisfeitos”, destacamos as percentagens acima dos 30%, que incidem sobre os planos de estudo e conteúdos, as aprendizagens e os colegas. No que se refere às respostas “pouco satisfeitos”, as percentagens mais elevadas dizem respeito aos docentes e aos serviços administrativos (16,5% e 14,4% respetivamente).

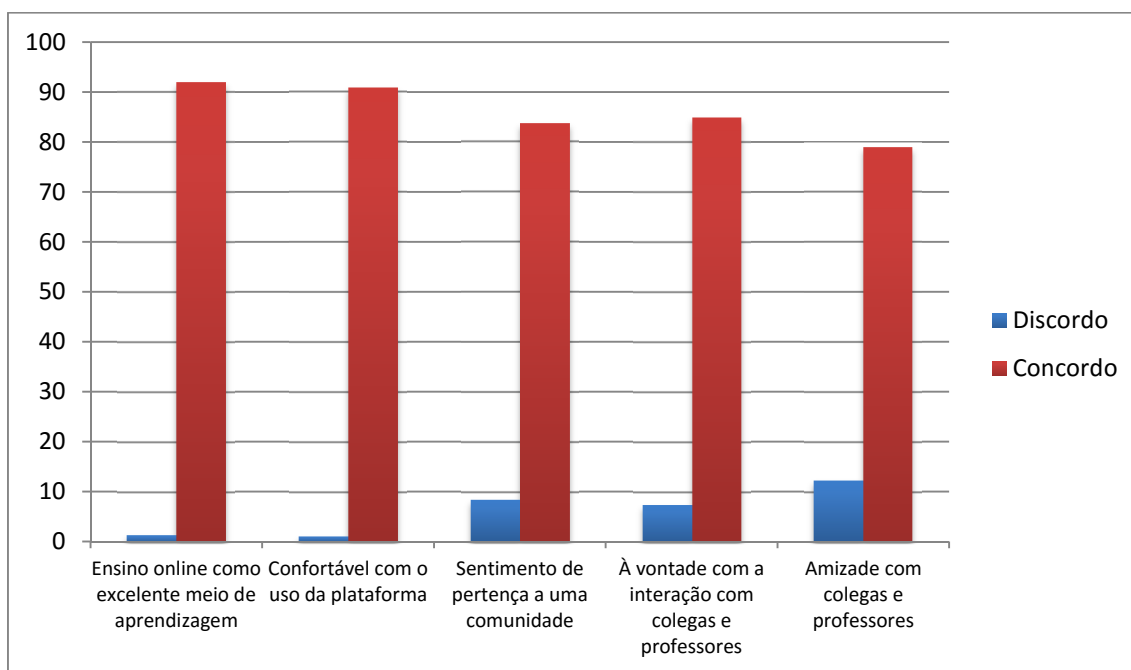
Gráfico 4.1. Grau de satisfação relativamente à frequência do curso



O Modelo Pedagógico Virtual® da Universidade Aberta é uma marca distintiva desta universidade, pioneira do ensino a distância universitário em Portugal. Desde 2006 que a Universidade Aberta definiu um conjunto e objetivo consagrados num plano estratégico que previa a concretização de um Programa de Inovação em Ensino a Distância, através da implementação e uma metodologia de ensino e aprendizagem totalmente virtual. Este modelo virtual da universidade aberta nunca se assumiu como um documento fechado (Pereira *et al.*,

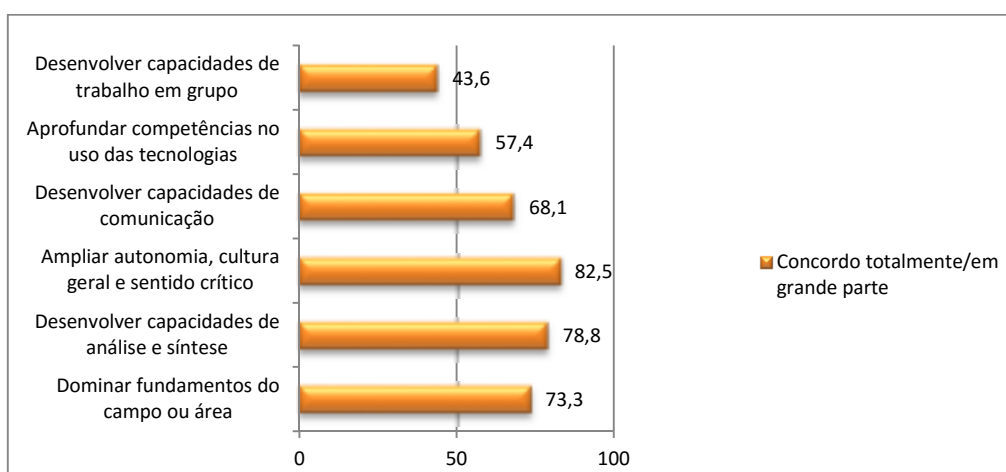
2007). Considerando os dados respeitantes à educação a distância na Universidade Aberta, procurámos inquirir os diplomados no que respeita ao ensino online como meio de aprendizagem, ao conforto no uso da plataforma, ao sentimento de pertença a uma comunidade e à interação e amizade com colegas e docentes. As respostas revelaram uma satisfação geral muito elevada relativamente a todas as dimensões referidas, destacando o ensino online como excelente meio de aprendizagem e o conforto no uso da plataforma de ensino a distância.

Gráfico 4.2. Percepções sobre o ensino online na Universidade Aberta



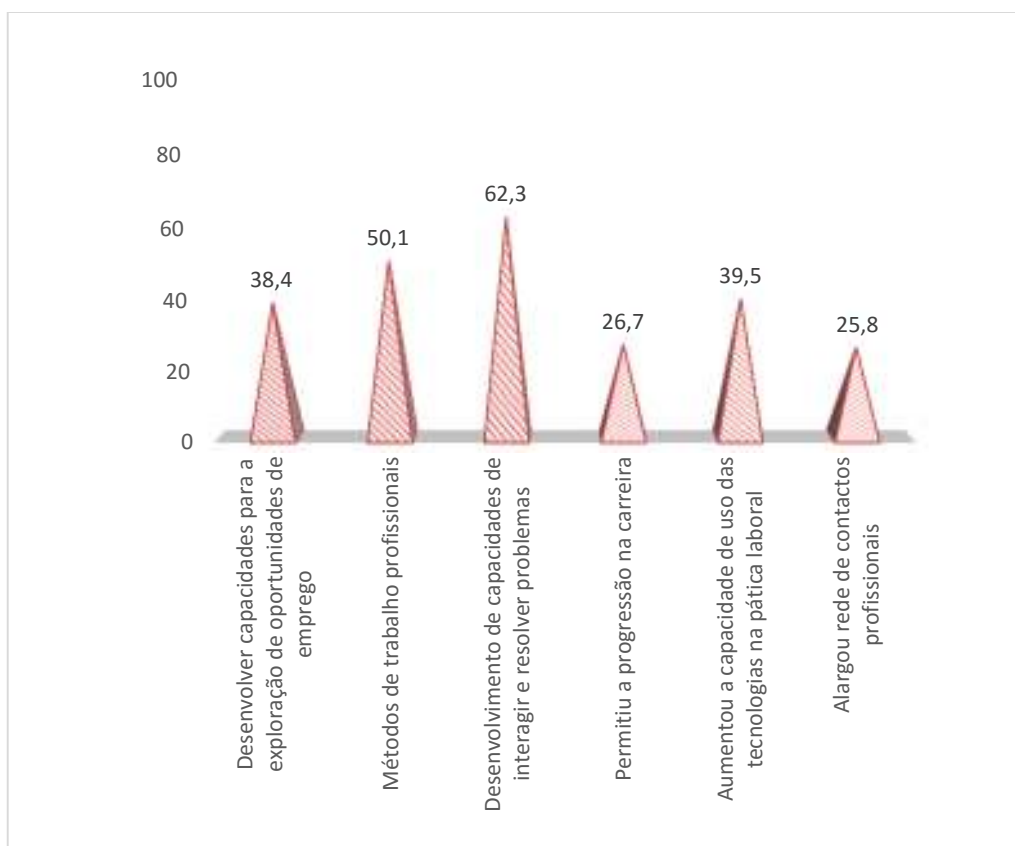
Algumas das principais questões relativamente às competências e relações adquiridas com a frequência dos cursos na UAb prendem-se com os objetivos adquiridos ao longo dos cursos. Nesse sentido, sentimos necessidade de auscultar os diplomados sobre quais os principais objetivos que consideraram ter alcançado durante a frequência dos cursos da UAb. Destacamos algumas conclusões: claramente a grande maioria dos inquiridos realçou o facto do curso ter permitido ampliar a autonomia, a cultura geral e o sentido crítico. Destacam-se, ainda, a possibilidade de desenvolver capacidades de análise e síntese, uma das principais características do ensino online, bem como dominar os fundamentos do campo ou área, o que indicia que os estudantes têm a noção que adquiriram conhecimentos e conteúdos específicos nas áreas que optaram por se diplomar. A capacidade de trabalhar em grupo foi o objetivo que menos diplomados indicaram ter atingido, embora ainda de forma expressiva, 43,6% tenham assumido ter atingido este objetivo totalmente.

Gráfico 4.3. Objetivos adquiridos ao longo do curso



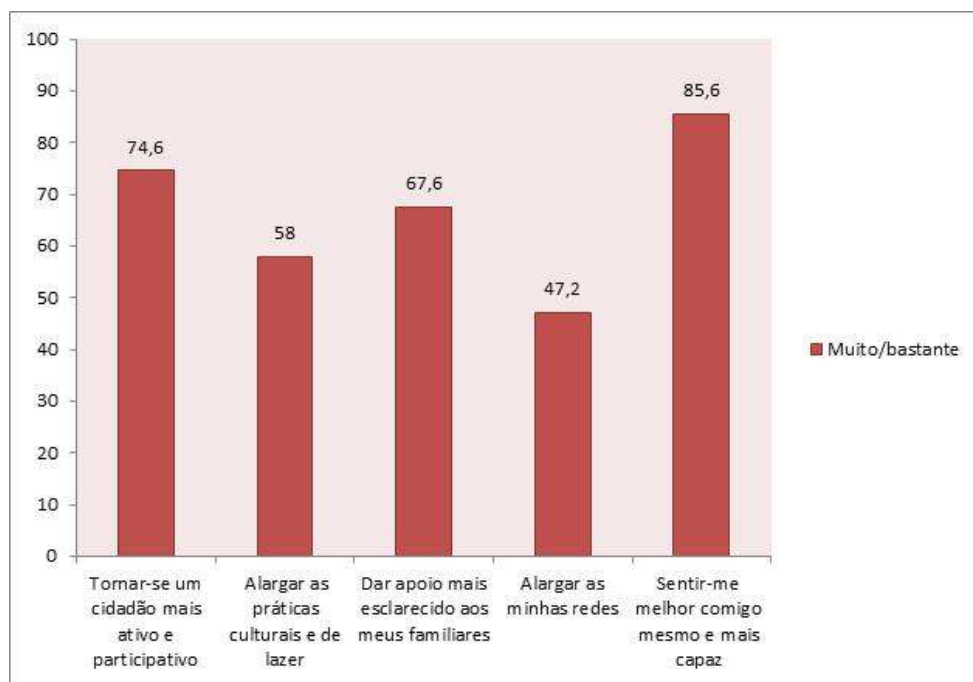
Relativamente à preparação para a vida profissional, identificaram-se algumas dimensões e solicitou-se o posicionamento dos inquiridos perante as mesmas. Os resultados analisados revelam que, segundo os licenciados, a frequência dos cursos na UAb desenvolveu a capacidade crítica, de planeamento e inovação no trabalho, bem como o desenvolvimento de capacidades de interação e resolução de problemas. Em termos de preparação para a vida profissional, as áreas que tiveram respostas menos positivas foram a progressão na carreira e o alargamento da rede de contactos profissionais.

Gráfico 4.4. Preparação da licenciatura para a vida profissional



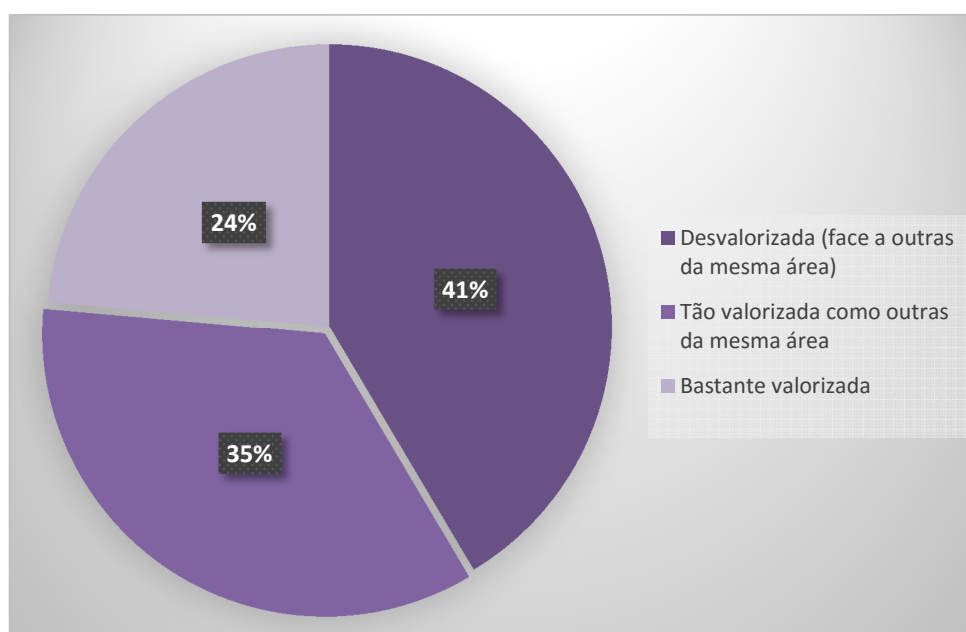
Em termos de contributos para as dimensões do desenvolvimento pessoal, social e profissional, a maioria dos inquiridos afirmou que a licenciatura contribuiu para se sentir melhor consigo mesmo e sentir-se mais capaz, bem como tornar-se um cidadão mais ativo e participativo. Mais uma vez, não foi tão expressivo o contributo da frequência do curso da UAb para o alargamento das redes, sejam elas quais forem.

Gráfico 4.5. Contributos do curso para o desenvolvimento pessoal, profissional e social



O desconhecimento sobre a Universidade Aberta enquanto única universidade pública de ensino a distância, em Portugal, é algo com que muitos dos seus estudantes, docentes e trabalhadores se confrontam diariamente. Quando questionados sobre as percepções que os contactos profissionais têm sobre a licenciatura realizada na instituição, os diplomados revelaram que a imagem pública da licenciatura ainda não é tão positiva quanto o desejado. Destacamos que 35,7% revelaram que a licenciatura da Universidade Aberta é desvalorizada face a outras licenciaturas da mesma área e apenas 20,3% consideraram que o curso que concluíram é bastante valorizado. Os restantes 30,1% indicaram que a licenciatura é tão valorizada como outras.

Gráfico 4.6. Imagem pública da Universidade Aberta



Ainda relacionado com o balanço de competências e relações questionaram-se os diplomados sobre três características associadas a um licenciado da Universidade Aberta. Eis as características com maior evidência nas respostas e que surgem como as mais imputadas aos estudantes da UAb.

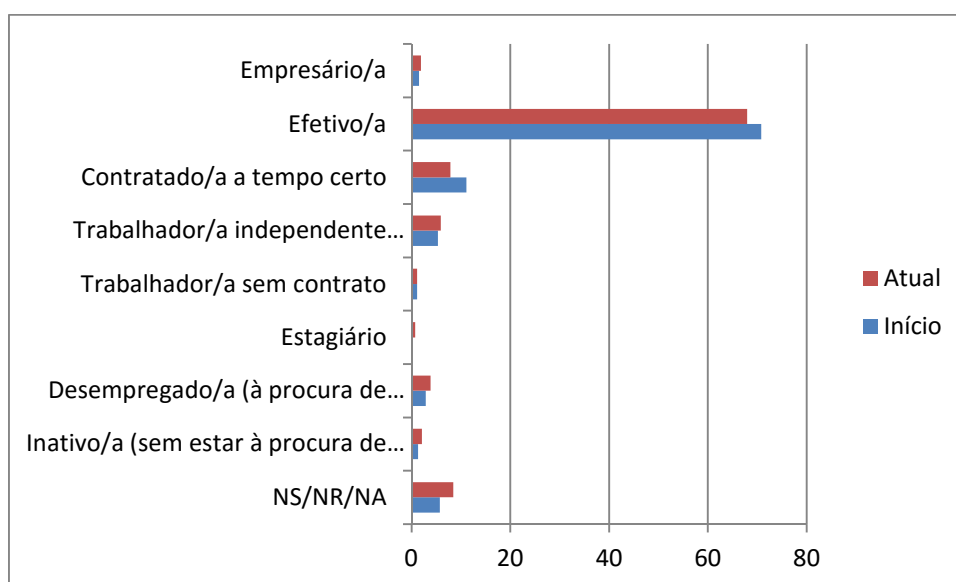
- Estudante com idade mais avançada, sem disponibilidade para frequentar aulas presenciais;
- Adultos ativos com família;
- Estudantes com ambição, empenho, motivação, persistência, autodisciplina e responsabilidade;
- Estudantes com capacidade de trabalho e pesquisa;
- Estudantes com competências, aptidões, domínio tecnológico, de inovação e organização;
- Estudantes com autonomia e capacidade de cooperação;
- Estudantes com coragem.

5. Impactos da licenciatura nos percursos de vida e do trabalho

Atendendo a que a maior parte dos estudantes da UAb são adultos sobretudo com mais de 30 anos (ver perfil sociodemográfico) e trabalhadores por conta de outrem, cuja principal motivação para regressar ao ensino e desejar fazer um curso superior é alcançar uma posição/condição laboral favorável (ver gráfico 2.3), procurou-se perceber se existe uma progressão efetiva ou diferença significativa entre a situação profissional que os diplomados tinham antes da entrada na UAb e após a conclusão da licenciatura.

Antes de ingressarem na UAb, 369 dos diplomados (cerca de 71%) eram trabalhadores efetivos, seguidos a uma distância muito significativa pelos inquiridos que se encontravam com um contrato a termo certo (11,4%) e trabalhadores independentes (5,4%).

Tabela 5.1. Situação profissional quando ingressou na UAb e no momento atual



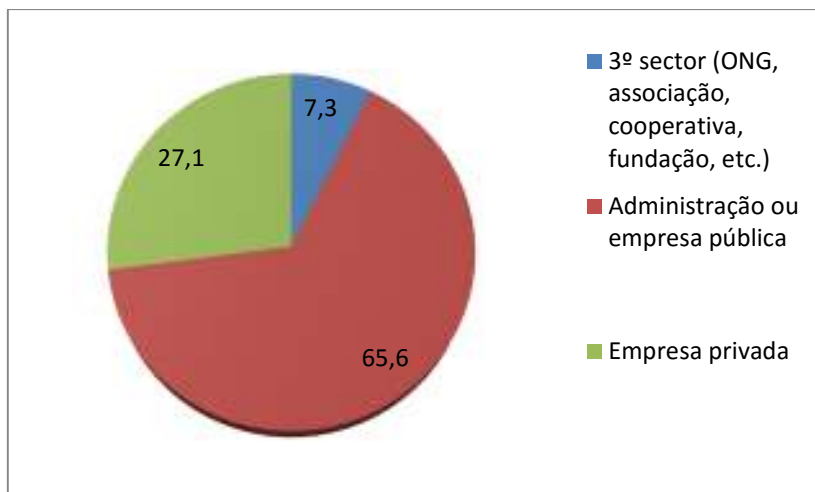
Após a conclusão da licenciatura, em termos da comparação com a situação profissional anterior, constatámos que não ocorreram alterações muito significativas considerando o tempo decorrido. A grande maioria dos diplomados da Universidade Aberta continua a ter um emprego com vinculação efetiva (67,9%), seguindo-se os casos dos contratados a termo certo (7,9%) e trabalhadores independentes (6%). Embora no contexto geral não seja muito significativo o número de casos, mas há que ter em conta o ligeiro aumento do número de desempregados e de situações profissionais precárias.

Para esta análise teremos de considerar necessariamente a conjuntura social e económica do país, período em que estes diplomados se formaram e continuaram no mercado de trabalho. Certamente a conjuntura de retração económica e de congelamento de progressões de carreira, entre 2009 e 2015, influenciaram negativamente as reais possibilidades de requalificação de carreira tendo por base a obtenção do grau de licenciado.

Os diplomados cuja situação profissional é estagiário/a remunerado, contratado a tempo certo, trabalhar sem contrato, efetivo ou estagiário sem remuneração trabalham em organizações cujo

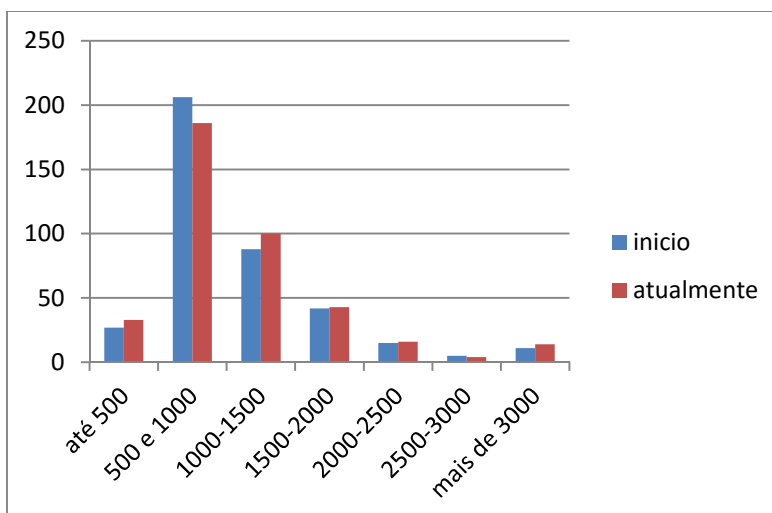
regime jurídico é na maior parte dos casos organização ou empresa pública (50,1%), seguindo-se o caso de trabalho em empresas privadas (20,7%) e, por fim, para o terceiro sector (5,6%).

Gráfico 5.2. Regime jurídico da organização na qual trabalha



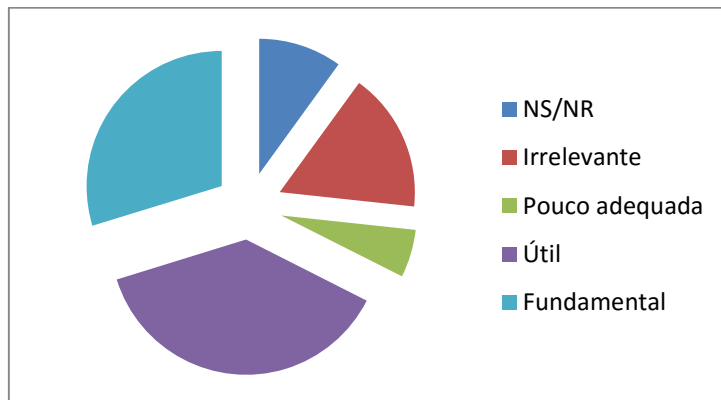
No que se refere aos rendimentos auferidos antes e depois da licenciatura, constata-se que houve um ligeiro aumento generalizado.

Gráfico 5.4. Rendimentos antes e depois da licenciatura



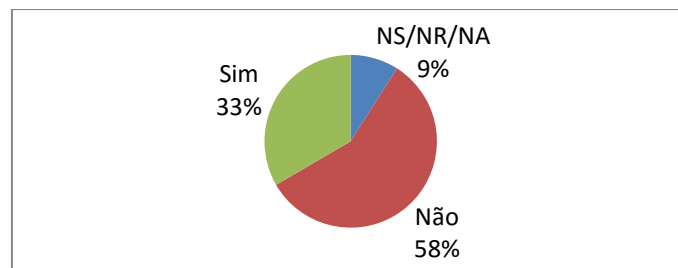
Questionados quanto à adequabilidade da licenciatura que realizou para a atividade profissional que desempenha atualmente verifica-se que 37,8% dos respondentes a consideram útil e 29,8% a consideram fundamental. Embora com valores inferiores não deixam de ser também assinaláveis os casos em que os diplomados entendem que a licenciatura é irrelevante ou pouco adequada à atividade profissional o que deve ser lido com cautela e à luz dos resultados obtidos para a situação profissional antes e depois de concluir a licenciatura.

Gráfico 5.4. Adequação da licenciatura à atividade profissional



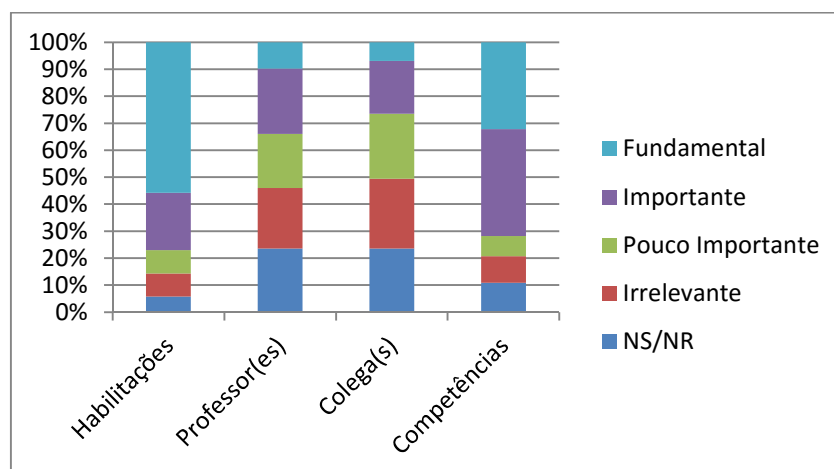
Querendo saber-se se no período decorrido entre o início da licenciatura e o momento atual existiu alteração no percurso profissional dos inquiridos perguntou-se se neste período acedeu ao primeiro emprego, mudou de emprego ou mudou de categoria/atividade profissional, constatou-se que 300 dos respondentes (57,6%) não mudaram de atividade profissional, mas isso aconteceu para 174 dos diplomados (33,4%).

Tabela 5.5: Mudança de emprego ou categoria profissional desde o início da licenciatura até ao momento atual



Para os respondentes que indicam ter-se alterado a situação profissional durante o curso, 55,8% afirmam que foi fundamental a habilitação de curso superior; 24,1% referem a importância dos professores; 19,5% salientam a importância dos colegas e 71,7% salientam a como aspeto fundamental as competências teóricas, metodológicas e operatórias desenvolvidas na licenciatura.

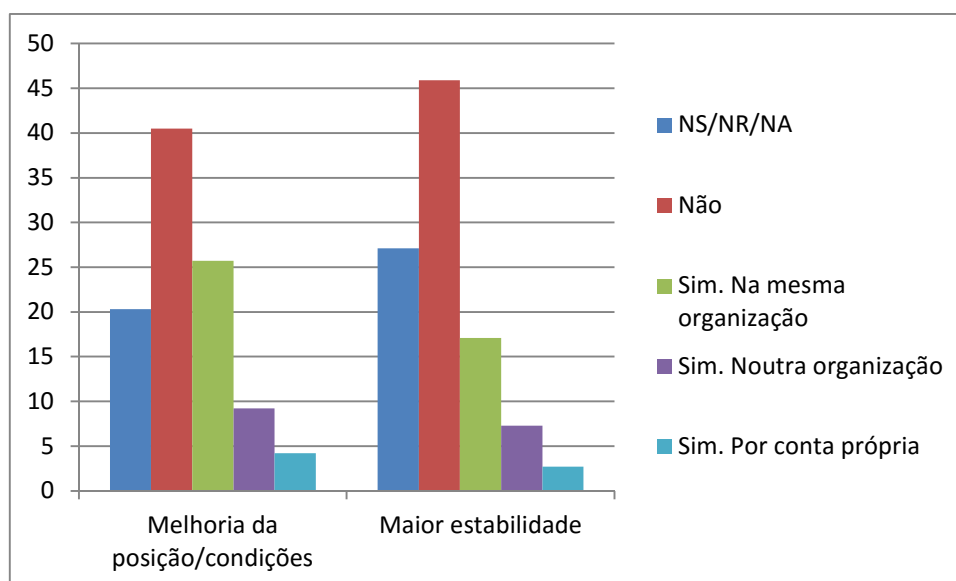
Gráfico 5.6. Importância de diferentes dimensões da licenciatura para a mudança profissional observada



Outro aspeto que nos interessou apurar foi saber se a obtenção do diploma serviu para impulsionar a criação do próprio emprego. A percentagem de respondentes que indicaram que criaram uma empresa ou uma atividade por conta própria foi 6,7%.

Para 40,5% dos respondentes a obtenção da licenciatura não significou uma melhoria de condições profissionais, mas em 182 dos casos a melhoria de condições foi possível (134 inquiridos que respondem afirmativamente em relação à organização em que trabalhava anteriormente e 48 referem-se a outras organizações em que passaram a trabalhar, ou seja, para cerca de 35% dos diplomados da UAb a melhoria foi concretizada, o que nos permite concluir que a realização de uma licenciatura ainda pode significar uma possibilidade de progressão na carreira ou de mobilidade profissional.

Tabela 5.11. Impacto da licenciatura na melhoria de posição ou condições laborais e na estabilidade profissional

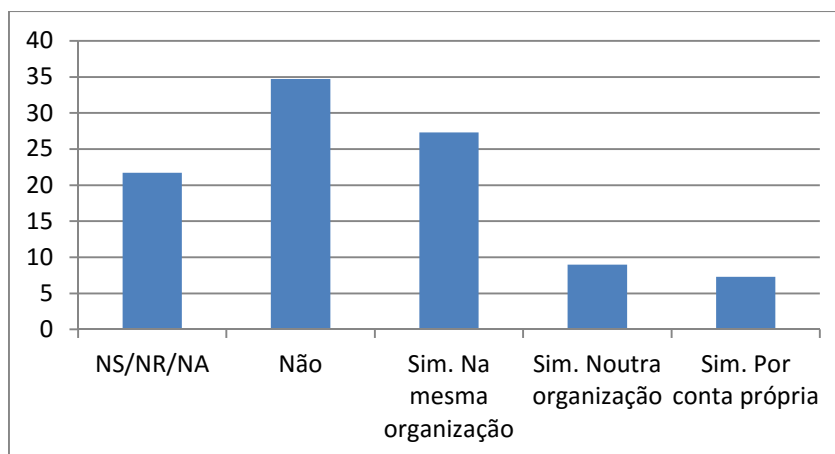


Relacionando a obtenção da licenciatura com a estabilidade profissional, 141 respondentes (27,1%) afirmam que no seu caso isso aconteceu. Na análise destes resultados deveremos ser

muito cuidadosos atendendo a que a grande maioria já tinha emprego antes de entrar na licenciatura, muitos dos quais em situação efetiva na Função Pública ou em outras empresas.

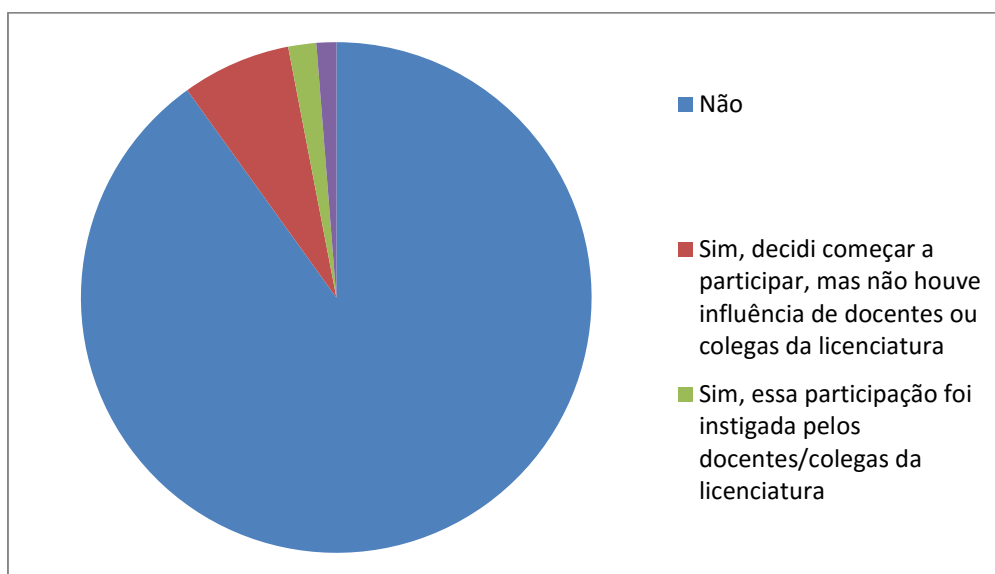
Muito interessante é o facto de 27,3% dos respondentes indicarem que a obtenção da licenciatura permitiu passarem a fazer atividades laborais mais gratificantes nas organizações em que já trabalham, portanto, um indicador forte de que a licenciatura tem promovido a satisfação no trabalho. O mesmo aconteceu com 9,0% dos respondentes que passaram a trabalhar em outras organizações ou por conta própria (7,3%).

Gráfico 5.13. Impacto da licenciatura na realização de atividades laborais mais gratificantes



Tentando perceber o grau de envolvimento dos inquiridos em associações profissionais, conclui-se que existe pouca mobilização para esse tipo de participação. 77,7% dos inquiridos respondem que não participam. Além disso, 5% referem que já faziam parte das associações profissionais antes da entrada na licenciatura – e, portanto, essa participação não se prende com a obtenção da licenciatura – e 6% indicam ter começado a participar, mas esta decisão não foi influenciada por docentes ou colegas de licenciatura. Apenas 1,5% (8 casos) referem que essa participação se ficou a dever à influência de colegas ou docentes.

Tabela 5.14. Participação em associação profissional



Em conclusão, no que se refere aos impactos da licenciatura nos percursos profissionais dos diplomados, podemos aferir que em grande medida ela tem contribuído para algumas formas de mobilidade profissional, maioritariamente dentro da própria instituição em que já trabalhavam, mas também para a melhoria das condições de trabalho e a satisfação em relação às atividades laborais desenvolvidas. Para essas mudanças na situação profissional e nas condições do trabalho contribuíram, sobretudo, a obtenção do diploma e os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos.

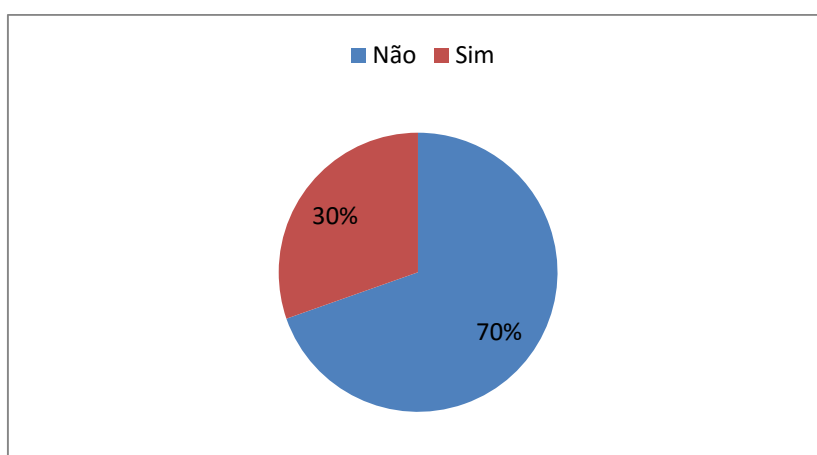
6. Projetos de futuro dos licenciados da Universidade Aberta

Esta secção trata da análise das respostas dos alunos licenciados da Universidade Aberta entre 2011 e 2013 relativamente aos seus projetos e perspectivas futuras. Algumas das respostas abrangem também alguns pontos de reflexão sobre o percurso e que convém relacionar com as análises anteriores.

Para interpretar estas respostas, é importante perceber que as expectativas e os projetos foram recolhidas em meados de 2015 e abrange alunos que se diplomaram já depois do início da crise. Parte destes licenciados, cerca de 30%, tem continuado os estudos superiores, como veremos.

De um total de 521 questionários respondidos, nesta primeira parte da análise desta secção, houve 67 não respostas e 454 respostas válidas. Se consideramos as respostas válidas, 316 alunos licenciados na UAB não seguiram estudos superiores, ou seja 70%, enquanto 30% continuaram a estudar no ensino superior de uma ou outra forma como vamos ver a seguir.

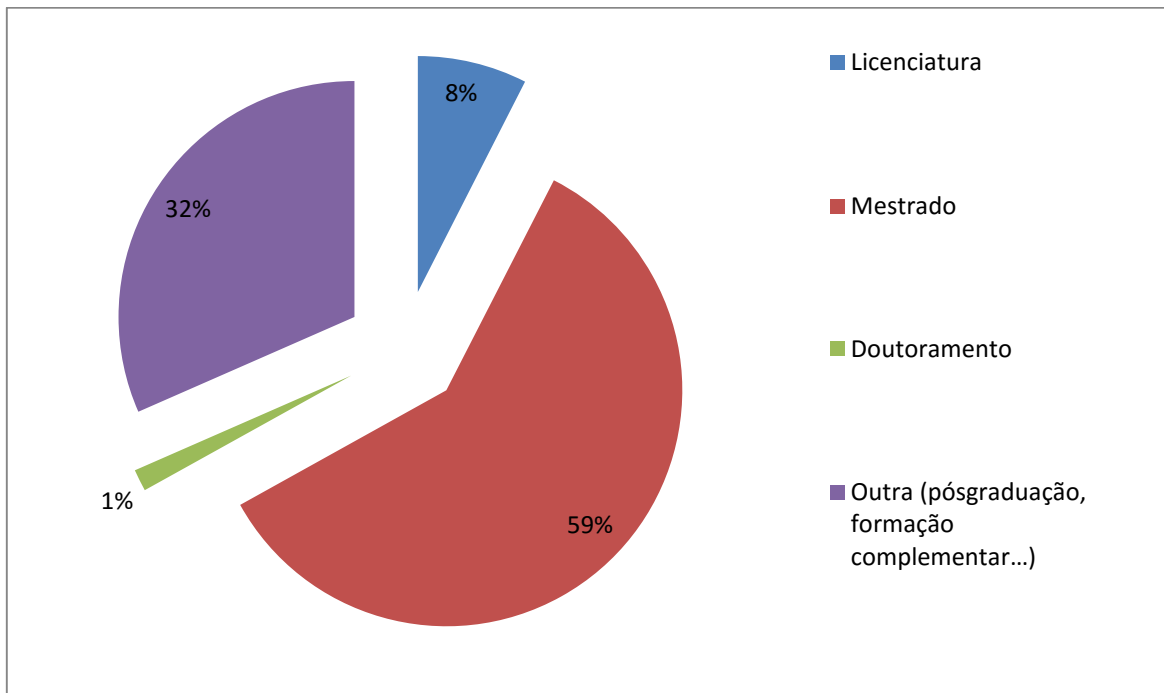
Gráfico 6.1. Inscrição no ensino superior após a licenciatura



Esta taxa de 30% de alunos (gráfico 6.2) que continuam no ensino superior é significativa e, como veremos, a maioria pensa em continuar na Universidade Aberta ou numa modalidade de ensino semelhante. É de realçar que o facto de estudar na instituição pode ser interpretado como um factor de motivação para prosseguir os estudos (como pode atestar algumas das respostas abertas dos alunos no final do questionário).

Um número significativo dos graduados exprimiram a sua vontade de continuar os estudos finda a licenciatura na UAb (mais de 130 conforme – oscilando entre 133 e 138 considerando as várias respostas tomadas em conta). Destes 138 alunos, responderam 133 com a seguinte distribuição de tipos de formação superior como figura no gráfico 6.2.

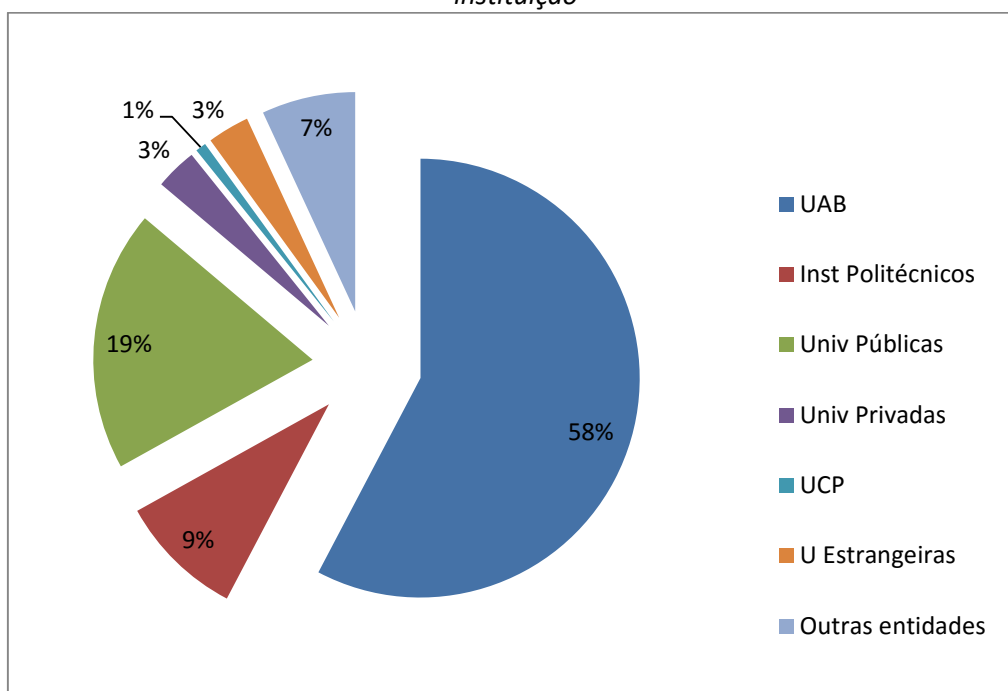
Gráfico 6.2. Nível do curso que pretendem frequentar



Dos que continuam no ensino superior, a maioria quer aperfeiçoar-se, ir além de uma licenciatura, através de pós-graduação, mestrado ou, ainda, doutoramento. Apenas uma minoria quer continuar outra licenciatura (8% do total). Entre aqueles que já se encontram a estudar, 32% está a realizar uma pós-graduação ou uma formação complementar, 59% estão a realizar um mestrado e dois alunos estão inscritos em doutoramento (1%).

Destes mestrados, a maioria são realizados dentro da oferta da Universidade Aberta, como aliás podemos inferir pela proporção global no gráfico 6.3. Entre os licenciados que prosseguiram os seus estudos, 58% continuam a estudar na instituição e ainda uns 19% em outras universidades portuguesas públicas. É de salientar, como referido anteriormente, o papel motivador no trajeto de parte dos alunos da Universidade Aberta em continuar os estudos, não só na mesma instituição (58%), mas também entrar noutras universidades (26%) e ou em institutos politécnicos (9%). Neste contexto, a instituição desempenha um papel de promoção da formação superior, especialmente para alunos que provavelmente não teriam feito a licenciatura se a UAb não existisse.

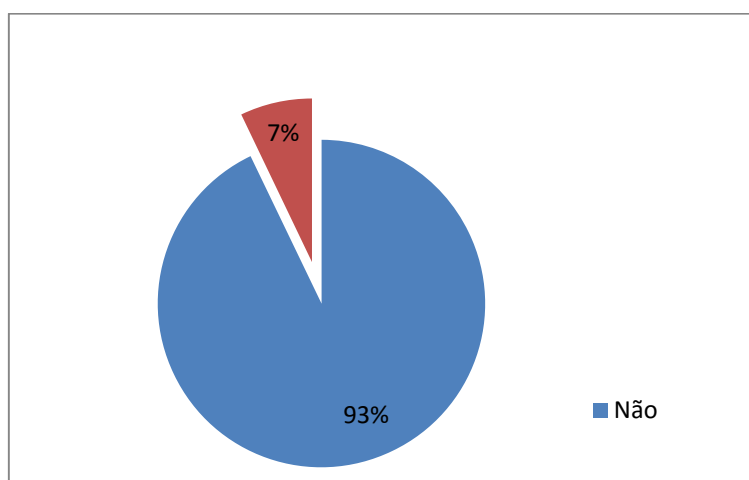
Gráfico 6.4. Repartição dos licenciados que prosseguiram os seus estudos, por tipo de instituição



Do total dos alunos que saem de uma licenciatura da Universidade Aberta, e ignorando algumas poucas respostas incompletas, 17% inscreveram-se noutra oferta formativa da instituição. Este número corresponde a mais de metade dos 30% dos 138 que figuram no gráfico 6.3.

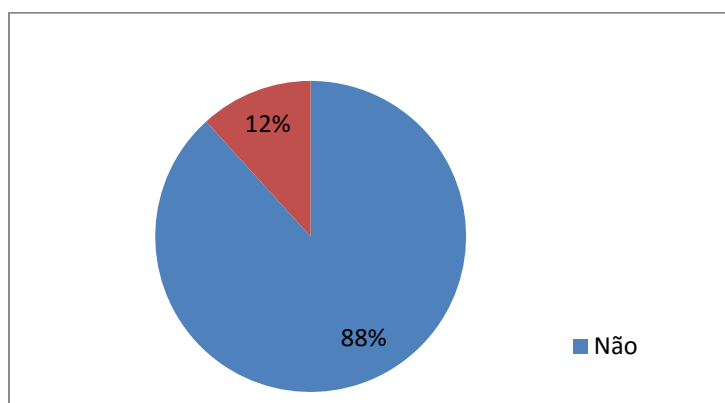
Dos alunos licenciados, de um modo geral, e fora o caso da inscrição em cursos, a participação posterior em projetos e atividades da Universidade Aberta é relativamente baixa, como atestam os gráficos apresentados a seguir. Apenas 7% dos alunos participam pontualmente em projetos ou atividades da UAb.

Gráfico 6.5. Participação em projetos/atividades da UAb



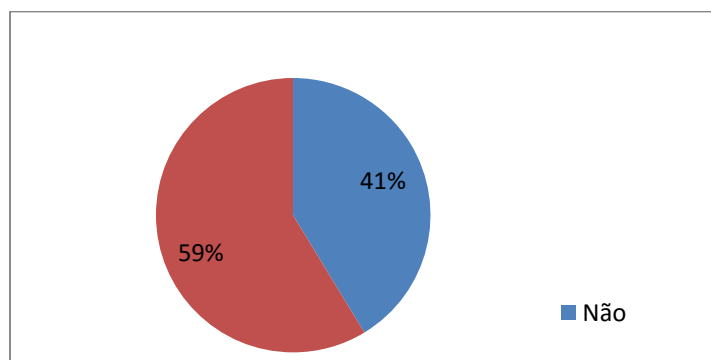
Esta proporção passa para 12% quando se tratam de participação em reuniões ou convívios de antigos alunos, talvez por razões de uma proximidade geográfica ou profissional entre os alunos maior do que entre licenciados e docentes.

Gráfico 6.6 - Participação reuniões/convívios de antigos alunos



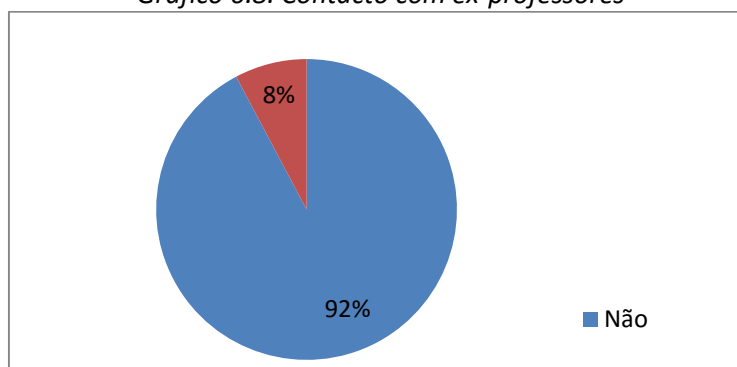
Quase 60% dos alunos dizem receber informação electrónica da UAb. A diferença com as outras proporções é de explicação e interpretação simples, dado que muitos estudantes trabalham a tempo inteiro, têm responsabilidades familiares, encontrando-se territorialmente muito dispersos.

Gráfico 6.7. Receção de informação eletrónica da UAb



A percentagem de alunos de licenciatura que têm contacto com ex-professor ronda os 8%, um número baixo e que merecia mais atenção. O factor geográfico deve ser importante, tal como no ponto a seguir, os contactos com os colegas.

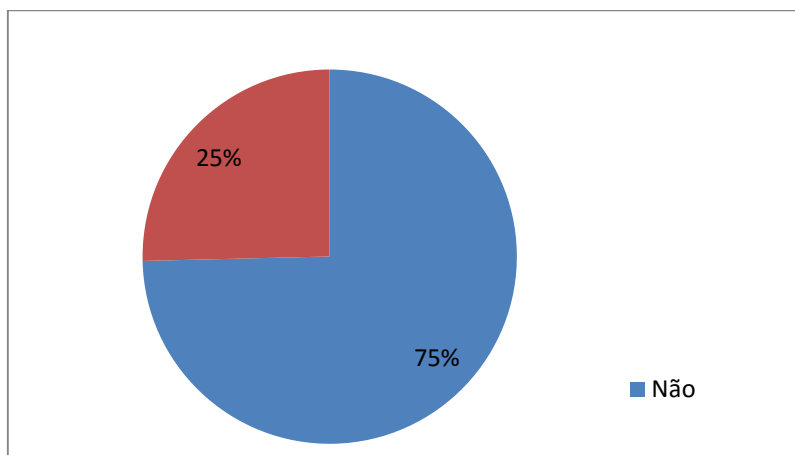
Gráfico 6.8. Contacto com ex-professores



Como previsto, o contacto com os ex-colegas é mais elevado, na ordem dos 25%. E aqui também devem entrar em considerações os factores geográficos, mas em sentido contrário do dos

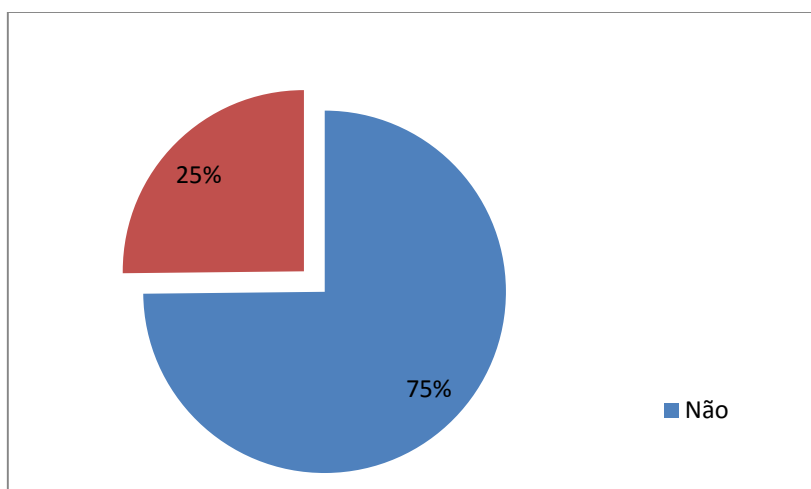
professores. Ao longo dos estudos e das avaliações, muitos estudantes vão conhecendo colegas da sua área de residência, de local de exame ou de trabalho.

Gráfico 6.9. Contacto com ex-colegas



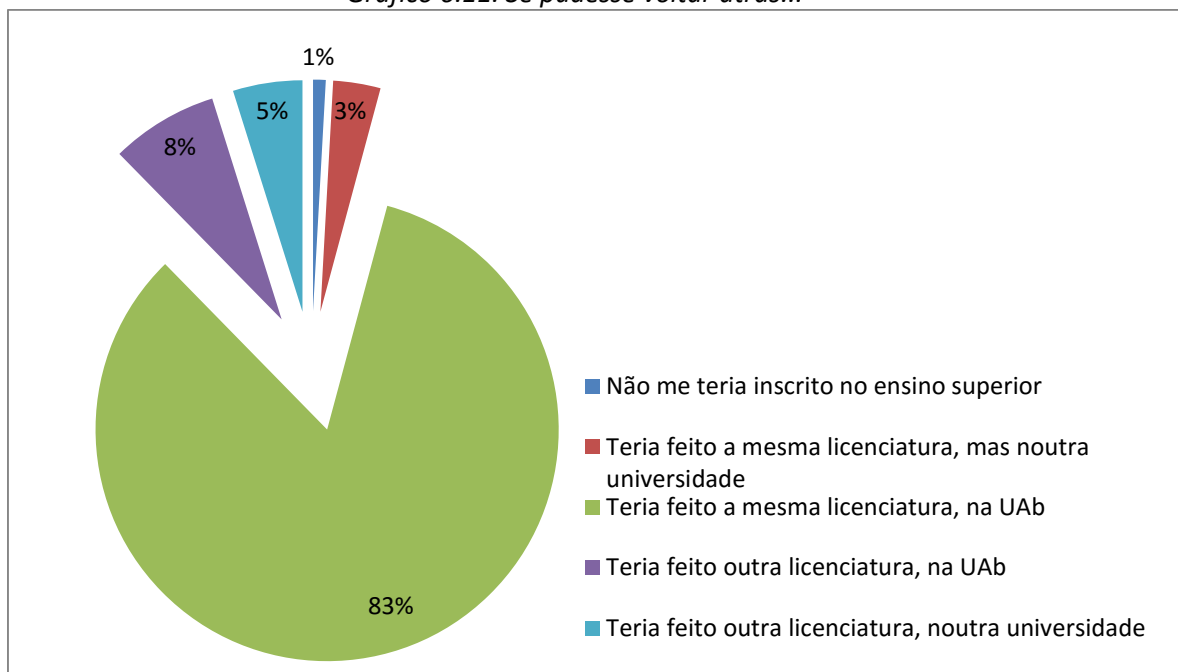
Três quartos dos alunos não mantiveram contactos com a UAb, aspeto que merece uma reflexão, até por contrastar com as percepções genericamente positivas acerca da instituição e com os projetos de prossecução de percursos de formação ao longo da vida.

Gráfico 6.10. Contacto com UAb posterior à conclusão da licenciatura



Questionados sobre a possibilidade de voltar atrás, a grande maioria dos estudantes revela que teria feito a mesma licenciatura, na Universidade Aberta, reconhecendo assim os impactos positivos desta experiência. É ainda significativo que, entre os restantes, a maioria optaria por outra licenciatura, mas na mesma instituição.

Gráfico 6.11. Se pudesse voltar atrás...



Em termos de perspectivas profissionais, podemos destacar três subgrupos. Um primeiro, mas reduzido, em que a perspectiva de mudança é importante, por necessidade ou por opção. Este primeiro grupo, que totaliza 11% dos inquiridos, é composto por quem está a procura de um emprego (5%) ou quem está a pensar abrir uma empresa ou iniciar um negócio por conta própria (6%).

O segundo grupo é constituído por quem está a pensar outra transformação, sair da organização em que se encontra (18%), mantendo (7%) ou mudando de profissão (11%), respectivamente. É interessante notar que estes últimos (os 11% do total) pensam não só mudar de organização como de profissão. Será isto relacionado com a perspectiva que adquiram sobre a sua organização e trabalho ao longo dos anos em que estudaram na Universidade Aberta? Está relacionado com o contexto de crise que vivemos desde 2009? Serão os da saída (exit), voz (voice) de Albert Hirschman? Algumas das respostas dos alunos apontam nestas direções que merecem ser aprofundadas em questionários futuros.

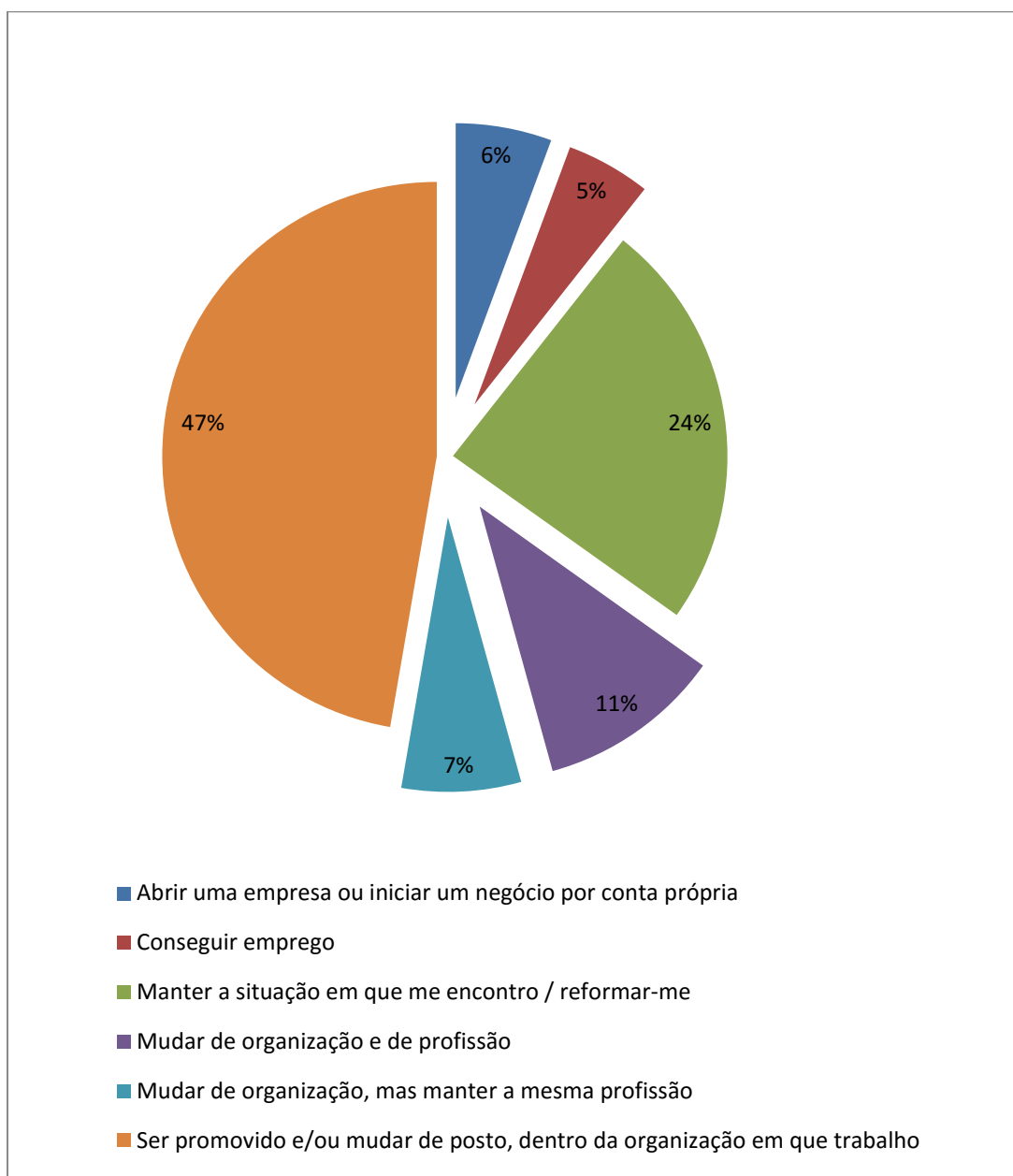
De qualquer modo, é de realçar que há um conjunto de alunos com perspectiva de mudar por várias razões e que totalizam 29% do total dos inquiridos. É uma proporção significativa, e até surpreendente, especialmente se tomamos em conta o perfil dos nossos alunos e sua distribuição etária (ver a primeira parte).

Estes dois primeiros grupos são os da perspectiva de mudança, mas existe ainda um terceiro subgrupo, dominante, o da prudência, com um total de 71% dos alunos, constituído por dois grupos que são os da continuidade, da lealdade (loyalty) ou apatia (apathy) na perspectiva de Hirschman. Não há neste grupo muita aposta no risco de mudança e podemos distinguir duas categorias: os que se conformam e os que esperam evoluir dentro de uma estabilidade garantida.

Deste modo, temos os que querem ou manter a situação em que se encontram ou reformar-se e representam cerca de um quarto do total (25%) e, segundo, os que querem dentro da organização em que se encontram mudar de posto ou ser promovido, e estes que esperam alguma mudança alcançam quase metade dos inquiridos (47%). É de notar que este subgrupo

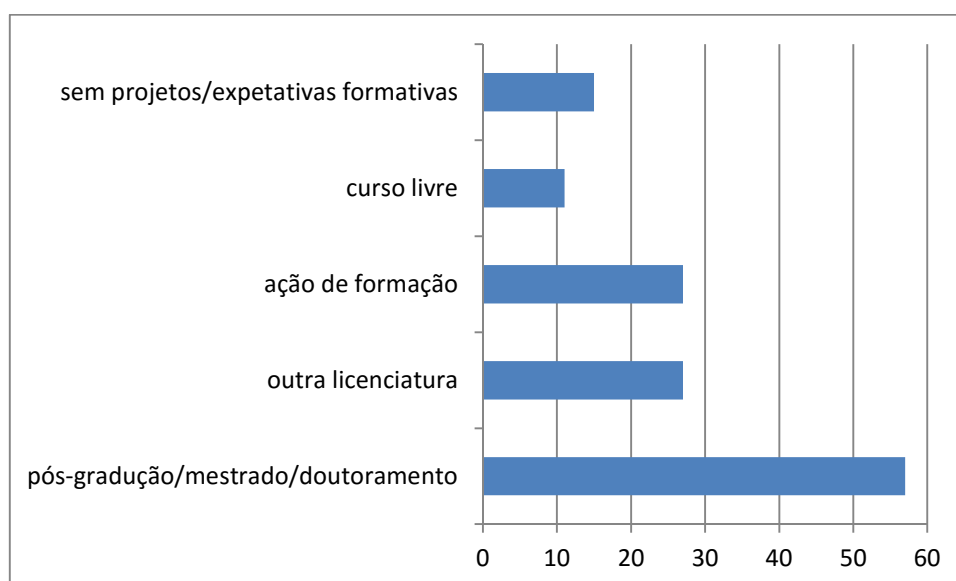
representa quase dois terços do total e que há um quarto do total que não espera evoluir (25%) enquanto metade (47%) espera uma evolução estável.

Gráfico 6.12 Projetos/expetativas profissionais a 3 anos



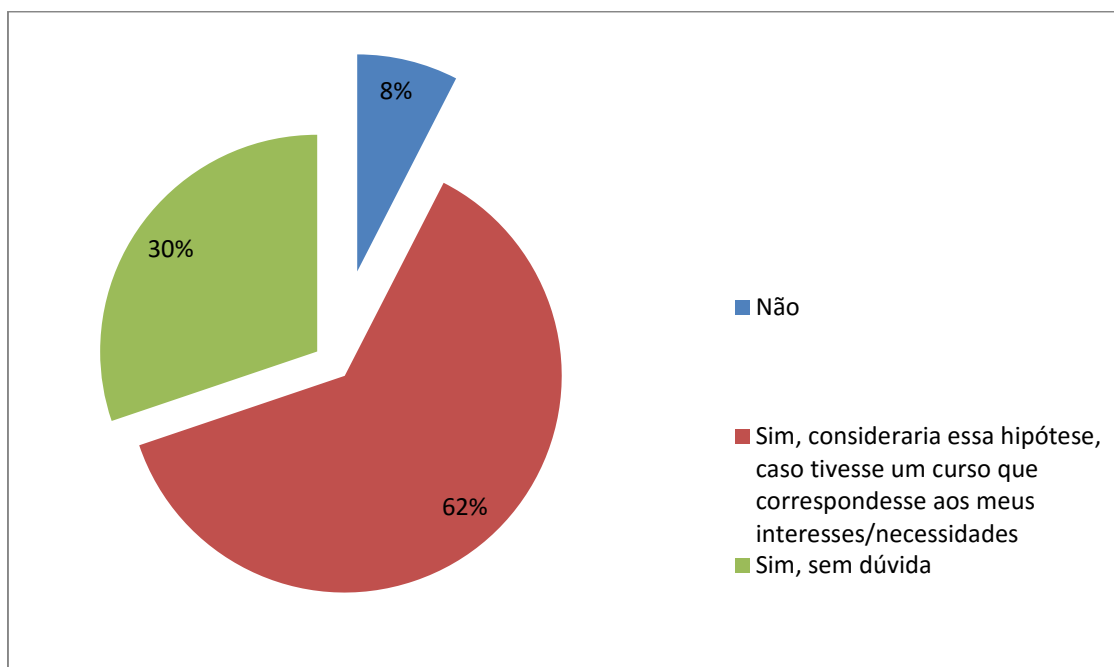
Mais de metade dos alunos de licenciatura encaram no futuro realizar um curso de pós-graduação ou de segundo ou terceiro ciclo (57%) e apenas 27 % uma outra licenciatura. Estes dados são consistentes com os avançados anteriormente sobre nível de curso pretendido.

Gráfico 6.13. Projetos formativos, nos próximos 3 anos



Será ainda de ressaltar que, no caso daqueles que têm projetos formativos para os próximos anos, a larga maioria coloca a possibilidade de fazê-lo na Universidade Aberta, distinguindo-se um segmento de 30% que não tem dúvidas quanto a essa questão e um outro, mais numeroso (62%), que colocaria essa possibilidade, caso encontrasse na instituição uma oferta formativa que se adequasse aos seus interesses e/ou necessidades.

Gráfico 6.14. Ponderação da Universidade Aberta para concretizar dos projetos formativos



Quanto às áreas de formação que pretendem estudar, de um total de 350 respostas válidas para a primeira área de formação, as áreas para realizar formação futura que mais se destacam são a gestão (79 respostas), a educação (45), as ciências sociais (55, incluindo 24 da psicologia), as línguas e literatura (31), as bibliotecas e arquivos (25) e a história e património (19 respostas).

Podemos constatar que há cada vez menos respostas que incluem as áreas de formação quando passamos da área privilegiada ou primeira escolha (350 respostas) para a segunda escolha (246 respostas) e a terceira escolha (155 respostas), surgindo alguns temas mais específicos, como o empreendedorismo. Tal como noutros, neste caso, será importante uma análise mais aprofundada, no seio de cada área científica, o que supera os objetivos deste primeiro relatório.

7. Síntese e notas conclusivas

Nesta última secção, sintetizamos alguns dos principais resultados desta primeira análise do questionário aos percursos laborais e de vida dos licenciados da Universidade Aberta. Muitas questões ficaram ainda por explorar, numa análise mais aprofundada dos dados e em futuras recolhas de informação, mas estamos convictos que este primeiro levantamento já contém vários elementos que importa conhecer e refletir.

A análise do perfil dos licenciados à entrada para o curso aponta para uma população adulta, com o ensino secundário completo e a trabalhar a tempo inteiro, em empregos de qualificação intermédia nas áreas dos serviços (geralmente, na administração pública). Apesar de uma grande dispersão geográfica, a maioria vive nas áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto. Existe uma proporção significativa de licenciados que já possuíam um grau no ensino superior e outros que haviam frequentado, sem concluir o curso.

A grande maioria destes licenciados não procurou ingressar noutras instituições do ensino superior, preferindo a Universidade Aberta, pela possibilidade de estudar com flexibilidade, autonomia e sem realizar deslocações. Há uma acentuada diferença entre uma geração mais nova, cuja motivação central foi a melhoria das condições laborais, e uma geração mais velha, que apontaram o enriquecimento cultural e cognitivo como principal motivo de frequência do curso. A grande maioria utilizou a própria residência como local de estudo e concluiu a licenciatura com classificações entre 12 e 15 valores, em 3 ou 4 anos, o que correspondeu ao que haviam previsto. No entanto, a duração média de conclusão varia de forma significativa em função do curso.

Mais de 90% dos diplomados considera que as aprendizagens realizadas no curso corresponderam às expectativas. Os graus de satisfação com o curso são muito elevados, destacando-se o item das aprendizagens e dos planos de estudos, em que as taxas de insatisfação são residuais. A generalidade dos diplomados concorda que o ensino online é um excelente meio de aprendizagem e que se sentem confortáveis com a plataforma utilizada. Quanto às competências laborais desenvolvidas no curso, destacam-se a autonomia, cultura geral, sentido crítico, a capacidade de análise/síntese e de resolução de problemas. Além disso, o contributo da licenciatura para a auto-estima, o empoderamento e a participação cívica foi amplamente reconhecido. Por seu lado, o trabalho em grupo, o uso da tecnologia e o alargamento de redes são aspetos em que o impacto da licenciatura na UAb não é tão evidente. Como menos positivo, nota-se o facto de um terço dos licenciados afirmar que a licenciatura da Universidade Aberta é desvalorizada face a outras licenciaturas da mesma área.

Embora a situação mais frequente tenha sido a permanência na atividade profissional que já desempenhava quando ingressou no curso, um terço dos licenciados mudou a sua situação profissional e, na maior parte destas mudanças, as competências e habilitações adquiridas no curso revelaram-se fundamentais. É ainda importante realçar que quase 40% dos licenciados revela que a licenciatura teve um impacto positivo na sua posição/condição laboral, existindo uma proporção até um pouco maior que afirma que a licenciatura lhe permitiu desempenhar atividades laborais mais gratificantes. Estes valores são muito significativos, atendendo ao contexto de crise económica e financeira que afetou o país durante os últimos anos.

Assinale-se ainda que 30% destes licenciados prosseguiu estudos superiores após a conclusão da licenciatura, a maioria dos quais ao nível de mestrados na própria Universidade Aberta. Além disso, cerca de metade dos licenciados revela vontade de realizar uma pós-graduação, mestrado ou doutoramento nos próximos anos. Contudo, é menos positivo o facto de três quartos dos alunos não terem mantido contacto com a UAb, após a conclusão do curso, até por contrastar com as percepções genericamente positivas acerca da instituição e com os projetos de formação ao longo da vida.

Os resultados do inquérito apontam para um quadro genericamente positivo, o que deve constituir um reconhecimento e um estímulo para os profissionais da instituição, assim como um contributo para a consolidação da instituição e do seu modelo pedagógico. Por seu lado, não deixou de se identificar também alguns aspetos que merecem reflexão, no sentido de alargar e aperfeiçoar os serviços e ofertas formativas da Universidade Aberta. Resta-nos dizer que estes resultados reportam-se aos estudantes que concluíram com êxito a licenciatura, sendo que devem ser ponderados também com a informação relativa aos seus colegas que, por diversos motivos, não completaram os seus estudos.

Bibliografia

- Albarelo, L. et al. (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Almeida, J. F. et al. (2003). *Diversidade na Universidade: Um Inquérito aos Estudantes de Licenciatura*. Oeiras: Celta.
- Alves, M. G. (2007). *A Inserção Profissional de Diplomados do Ensino Superior numa Perspectiva Educativa: o caso da Faculdade de Ciências e Tecnologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Bajoit, G. (1988). Exit, Voice, Loyalty... and Apathy: Les reactions individuelles au mecontentement. *Revue Française de Sociologie*, 29 (2), pp. 325-45.
- Cabrito, B. G. (2011). O Ensino Superior em Portugal: Percursos Contraditórios. *Educativa*, 14(2), 209-227.
- Charlesworth, S. J. (2000). *A Phenomenology of Working Class Experience*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Chaves, M., Morais, C. & Nunes, J. S. (2009). Os diplomados do ensino superior perante o mercado de trabalho: velhas teses catastrofistas, aquisições recentes. *Forum Sociológico*, 19, pp. 83-98.
- Costa, A. F, Lopes, J. T. & Caetano, A., eds. (2014). *Percursos de Estudantes no Ensino Superior: Fatores e Processos de Sucesso e Insucesso*. Lisboa: Mundos Sociais.
- Costa, C. & Dominginhos, P. (2013). *Da Educação Superior para o Mercado de Trabalho: A Inserção Profissional dos Licenciados no IPS*. Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal.
- Dowding, K. & John, P. (2012). *Exits, Voices and Social Investment: Citizens' Reaction to Public Services*. Cambridge University Press.
- Estanque, E. (2005). Trabalho, desigualdades sociais e sindicalismo. *Revista Crítica de Ciências Sociais* (71), 113-140.
- Freyssinet-Dominjon, J. (1997). *Méthodes de Recherche en Sciences Sociales*. Paris: Montchrestien.
- Fundação Francisco Manuel dos Santos. Pordata: Base de Dados Portugal Contemporâneo. Consultado em 5 janeiro 2016 , em www.pordata.pt
- Ghiglione, R. & Benjamin, M. (1992). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Gonçalves, C., Menezes, I. & Martins, M. (2009), *Transição para o Trabalho dos Licenciados da Universidade do Porto (2005-2006)*. Porto: Universidade do Porto.
- Instituto Nacional de Estatística. Censos 2011. Consultado em 5 de janeiro de 2016, em www.ine.pt.
- Hirschman, A. O. (1970). *Exit, Voice, and Loyalty: Responses to Decline in Firms, Organizations, and States*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Marques, A. P. & Alves, M. G., eds. (2010), *Inserção profissional de Graduados em Portugal: (Re)configurações Teóricas e Empíricas*. Braga: Húmus.
- Saúde, S. (2005), *Percursos de Inserção Profissional dos Diplomados do Ensino Superior Politécnico*. Beja: Instituto Politécnico de Beja.
- Vieira, C., Raposo, L. & Santos, M. (2008), *Relatório sobre o Inquérito aos Licenciados da Universidade de Évora*. Évora: Pró-Reitoria para a Política da Qualidade e Inovação.